


## **PROPOSTA DE PAZ 2017**

**POR DR. DAISAKU IKEDA, PRESIDENTE DA SOKA GAKKAI INTERNACIONAL**



# **A Solidariedade Mundial dos Jovens: O Alvorecer de uma Nova Era de Esperança**

**ENVIADA ÀS NAÇÕES UNIDAS (ONU)  
POR OCASIÃO DO 42º ANIVERSÁRIO DA SGI, EM 26 DE JANEIRO DE 2017**

**DAISAKU IKEDA** nasceu em Tóquio, Japão, em 2 de janeiro de 1928.

Formado pela Escola Superior Fuji, na área de economia, é atualmente presidente da Soka Gakkai Internacional (SGI), uma das maiores organizações não governamentais das Nações Unidas, com mais de 12 milhões de associados em 192 países e territórios.

Fundou várias instituições educacionais e culturais, como as Escolas Soka (da educação infantil ao ensino superior), a Associação de Concertos Min-On, o Instituto de Filosofia Oriental e o Museu de Arte Fuji de Tóquio.

Pacifista, filósofo, poeta laureado e escritor, com obras traduzidas para mais de vinte idiomas, é sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde 1992, ocupando a cadeira de nº 14.

Ikeda acredita que um movimento popular centralizado nas Nações Unidas é a chave para transformar o mundo, onde imperam a desunião e a hostilidade, num lugar de coexistência pacífica. Por isso, apresenta anualmente, no dia 26 de janeiro, aniversário de fundação da SGI, sua proposta de paz.

A SGI é oficialmente registrada como ONG no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (Ecosoc), no Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), no Departamento de Informações Públicas das Nações Unidas (UNDPI) e na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Também integra a Federação Mundial das Associações das Nações Unidas (WFUNA).



# Carta da Soka Gakkai Internacional

## Preâmbulo

**NÓS**, organizações constituintes da Soka Gakkai Internacional (SGI), abraçamos o objetivo fundamental e a missão de contribuir para a paz, a cultura e a educação, com base na filosofia e nos ideais do Budismo de Nichiren Daishonin.

Reconhecemos que, em nenhuma outra época da história, a humanidade testemunhou tamanha justaposição de guerra e paz, discriminação e igualdade, pobreza e fartura, como no século 20. O desenvolvimento da tecnologia militar cada vez mais sofisticada e exemplificada pelas armas nucleares, criou uma situação em que a própria sobrevivência da espécie humana foi posta em risco. A realidade da violenta discriminação étnica e religiosa tem se apresentado num interminável ciclo de conflito. Se não bastasse, o egoísmo e a negligência do homem causaram, e continuam causando, problemas mundiais, como a degradação do meio ambiente. Também observamos que os abismos econômicos criados se intensificam entre as nações desenvolvidas e em desenvolvimento, com sérias repercussões para o futuro coletivo da humanidade.

Acreditamos que o Budismo de Nichiren Daishonin, filosofia humanística de infinito respeito pela dignidade da vida e de benevolência que abrange tudo, capacita os indivíduos a cultivar a sabedoria e a criatividade do espírito humano para vencer as dificuldades e as crises que a humanidade enfrenta. Tal capacitação faz surgir uma sociedade de coexistência próspera e pacífica.

Nós, organizações constituintes e membros da SGI, nos determinamos a hastear bem alto a bandeira da cidadania mundial, do espírito de tolerância e do respeito aos direitos humanos. Embasados no humanismo budista, no diálogo, nos esforços práticos e no firme compromisso com a não violência, dispomo-nos a desafiar as questões mundiais.

Assim, adotamos esta Carta para ratificar os seguintes propósitos:

1. A SGI contribuirá para a paz, a educação e a cultura, visando à felicidade e ao bem-estar de toda a humanidade, inspirada no respeito budista à dignidade da vida.

2. A SGI, com base no ideal da cidadania mundial, salvaguardará os direitos humanos fundamentais e não discriminará nenhum indivíduo.

3. A SGI respeitará e protegerá a liberdade de crença e de expressão religiosa.

4. A SGI promoverá a ampla compreensão do Budismo de Nichiren Daishonin por meio de intercâmbios, contribuindo, dessa forma, para a concretização da felicidade individual.

5. A SGI, por intermédio das organizações constituintes, encorajará seus membros a contribuir para a prosperidade de suas respectivas sociedades, como bons cidadãos.

6. A SGI respeitará a independência e a autonomia de suas organizações constituintes, de acordo com as condições predominantes em cada país.

7. A SGI, com base no espírito budista de tolerância, respeitará outras religiões, promoverá diálogos e atuará, em parceria, para a solução de questões fundamentais da humanidade.

8. A SGI respeitará a diversidade cultural e realizará intercâmbios culturais para criar uma sociedade internacional de cooperação e de compreensão mútua.

9. A SGI visará, com base no ideal budista de simbiose, à proteção da natureza e do meio ambiente.

10. A SGI contribuirá para a promoção da educação, da busca da verdade e também do desenvolvimento da ciência para capacitar as pessoas a aprimorar o caráter e desfrutar uma vida plena e feliz.

**Todos os direitos reservados à Editora Brasil Seikyo Ltda.**

Editora Brasil Seikyo Ltda. Administração e redação: Rua Tamandaré, 1.040  
São Paulo, SP \_ CEP: 01525-000

Fones: (11) 3349-1930 / 1941 / 1942 / 1950 \_ Fax: 3349-1949

CNPJ nº 61.612.891/0001-21

Matrícula na Lei de Imprensa nº 2092 - Registro no INPI nº 0060117320

Diretor-presidente: Ricardo Shin-iti Miyamoto

Jornalista responsável: Júlio Tadachi China (matrícula no DRT nº 17.595)

Impressão: EGB - Editora Gráfica Bernardi Ltda.

**PROPOSTA DE PAZ 2017**

# **A Solidariedade Mundial dos Jovens: O Alvorecer de uma Nova Era de Esperança**

Dr. Daisaku Ikeda,  
presidente da Soka Gakkai Internacional

Enviada à Organização das Nações Unidas (ONU)  
por ocasião do 42º aniversário da SGI, em 26 de janeiro de 2017

**Revisão:** Thiago de Mello

**Tradução:** Juliana Ballestero Sales Vieira Kamiya

**Colaboração:** Edson Cruz

# A Solidariedade Mundial dos Jovens: O Alvorecer de uma Nova Era de Esperança

Revisão: Thiago de Mello

Sessenta anos se passaram desde que meu mestre, segundo presidente da Soka Gakkai, Josei Toda (1900-1958), fez sua declaração pela proibição e abolição das armas nucleares.

Josei Toda lutou ao lado do presidente fundador, Tsunesaburo Makiguchi (1871-1944), em prol da paz e da humanidade. No cerne do seu pensamento está uma concepção de cidadania global enraizada na filosofia de respeito à dignidade inerente à vida conforme ensina o budismo.

É uma convicção de que ninguém, de qualquer país ou de qual grupo pertença, seja discriminado, explorado ou tenha seus interesses sacrificados em benefício de outros. Está no apelo que as Nações Unidas faz à comunidade internacional para que se construa um mundo onde “ninguém fique para trás”.<sup>1</sup>

Este sentimento profundo levou o Sr. Toda a condenar as armas nucleares como mal absoluto, ameaça fundamental ao direito de viver dos povos do mundo, e a clamar por amplo movimento popular pela sua proibição.

Em 8 de setembro de 1957, sob o límpido céu azul que se abriu após um tufão, ele se dirigiu a cerca de 50 mil jovens reunidos no Estádio Mitsuzawa em Yokohama: “Àqueles que se consideram meus alunos e discípulos, peço que herdem a declaração que fiz hoje e que propaguem seu propósito pelo mundo inteiro”.<sup>2</sup> Até agora o som da sua voz ecoa dentro de mim.

A partir de então, os associados da Soka Gakkai no Japão e em todo o mundo trabalham com pessoas e organizações que partilham os mesmos interesses e labutam pela proibição e abolição das armas atômicas.

Em dezembro passado, num contexto de crescente reconhecimento internacional da natureza desumana das armas de destruição em massa, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou uma resolução histórica que pedia o início de negociações de um tratado para a proibição dessas armas. A primeira conferência de negociação foi programada para ser realizada na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York,



**GRUPO INTERNACIONAL** Representantes de diversos países fazem apresentações culturais na Convenção dos Jovens (Japão, jul. 2014)

“Tenho fé nos jovens do mundo todo, que personificam, cada um deles, a esperança e a possibilidade de um futuro melhor

em março, e é crucial seu êxito para abrir o caminho de um mundo livre das armas nucleares.

Além das armas malignas, o mundo enfrenta hoje inúmeros e dramáticos desafios, incluindo uma sucessão aparentemente interminável de conflitos armados e de sofrimentos da crescente população de refugiados. Não sou, no entanto, pessimista sobre o

futuro da humanidade. Tenho fé nos jovens do mundo todo, que personificam, cada um deles, a esperança e a possibilidade de um futuro melhor.

Não se trata de negar que milhões de jovens vivem em condições de pobreza e de desigualdade extremamente adversas. Há crianças e jovens no topo da lista de grupos que exigem atenção especial de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) apresentados no ano passado.

É preciso lembrar o potencial dos jovens, ressaltado, por exemplo, na Resolução nº 2.250 do Conselho de Segurança, que enfatizou seu papel necessário ao processo de construção da paz.

Em *Transformar Nosso Mundo: Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*, a Resolução da Assembleia Geral que estabelece os ODS, os jovens são identificados como

## “O ponto de partida do budismo é trabalhar junto com aqueles que estão sofrendo e capacitá-los a superar o sofrimento”

“agentes fundamentais de mudança”,<sup>3</sup> convicção que compartilho totalmente. Os jovens e seu vívido engajamento representam a solução para os desafios globais que enfrentamos; eles têm a chave para alcançar as metas da ONU para 2030.

Nesta proposta, quero distinguir o papel dos jovens e refletir sobre a construção das sociedades pacíficas, justas e inclusivas, como as previstas nos ODS.

### **Estabelecer a solidariedade: o papel dos jovens**

Meu primeiro desafio é o de estabelecer e ampliar a solidariedade para uma coexistência respeitosa no planeta único que todos compartilhamos. Para tanto, o papel dos jovens é fundamental.

O Acordo de Paris, novo quadro internacional de combate às alterações climáticas, entrou em vigor em novembro do ano passado. Foi adotado em dezembro de 2015 e assinado pelos representantes de 175 países e territórios em abril de 2016. Entrou em vigor menos de um ano após a sua adoção, fato sem precedentes.

Com isso, os países se uniram para enfrentar a ameaça comum, o que antes parecia impossível. Esta reorientação foi o resultado da consciência consentida de que a mudança climática é uma questão urgente para todas as nações, reconhecimento motivado por even-

tos climáticos extremos, aumento do nível do mar e outras manifestações tangíveis.

Se quisermos avançar na redução da pobreza e na conquista de todos os 17 objetivos e 169 metas que compõem os ODS, precisaremos cultivar a mesma consciência e solidariedade em todos os âmbitos.

O amplo leque de questões abraçadas pelos ODS fez com que algumas pessoas perguntassem se elas são de fato realizáveis. Mas é importante lembrar que o número considerável de metas corresponde ao elevado número de pessoas que enfrentam condições graves e desafiadoras, nenhuma das quais podemos nos dar ao luxo de ignorar. Além de sofrer os impactos diretos dos conflitos e dos desastres naturais, as vítimas geralmente são atormentadas pelo sentimento de que foram ignoradas.

Embora a urgência da crise dos refugiados seja evidente e tenha sido um dos temas centrais da Cúpula Mundial de Ajuda Humanitária, realizada em maio do ano passado, e da Cúpula das Nações Unidas sobre Grandes Movimentos de Refugiados e Migrantes, em setembro, a cooperação internacional efetiva continua defasada.

O novo secretário-geral da ONU, António Guterres, afirmou numa entrevista em outubro passado, logo após a sua nomeação:

Farei todo o possível (...) para garantir que a proteção dos refugiados seja assumida como responsabilidade global, como de fato é. E isso não diz respeito só à convenção para os refugiados. Está profundamente enraizado em todas as culturas e em todas as religiões do mundo. É possível ver um forte compromisso com a proteção dos refugiados no Islã, no cristianismo, na África; em diferentes religiões, no budismo e no hinduísmo.<sup>4</sup>



Na verdade, os esforços para reagir à crise dos refugiados devem ser fortalecidos, e as fontes espirituais para apoiá-los se encontram nas tradições vivas do mundo. A chave para lidar com os desafios, mesmo os que aparentam ser os mais intratáveis, é encontrada quando as pessoas se reúnem e continuam a fazer tudo o que podem pelo bem dos outros.

O ponto de partida do budismo é trabalhar junto com aqueles que estão sofrendo e capacitá-los a superar o sofrimento. O vasto conjunto de ensinamentos de Shakyamuni — às vezes referido como os oitenta mil ensinamentos — foi em sua maior parte exposto para enfrentar os problemas e sofrimentos que afligem indivíduos específicos. Shakyamuni se recusou a limitar os ouvintes dos seus ensinamentos, e procurou em vez disso ser “amigo de todos, companheiro de todos”.<sup>5</sup> Desta forma, ele ensinou o Dharma a todos que encontrou.

Em sua descrição de Shakyamuni, o filósofo alemão Karl Jaspers (1883–1969) afirma: “O Buda não apareceu como um mestre de conhecimento, mas como mensageiro do caminho para a salvação”.<sup>6</sup>

Jaspers observa que a expressão “caminho para a salvação” deriva de um antigo termo médico indiano. E o que fundamenta todos os ensinamentos do Buda é o encorajamento que age como um medicamento prescrito para a condição específica de cada doença.

Shakyamuni exortava seus discípulos e companheiros: “Siga em frente, ó Bhikkhus, e perambule pelo benefício de muitos, pela felicidade de muitos”.<sup>7</sup> Desta forma, Shakyamuni e seus discípulos continuaram a viajar para onde quer que houvesse pessoas necessitadas, sem distinção de raça ou classe; eram denominados “pessoas das quatro direções”.<sup>8</sup>



### ACORDO DE PARIS

O Acordo de Paris é um compromisso no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (UNFCCC) negociado em Paris, em dezembro de 2015, por representantes de 195 países. O acordo entrou em vigor em 4 de novembro de 2016, alcançando a ratificação requerida de pelo menos 55 países responsáveis por 55% das emissões globais de gases de efeito estufa.

O Acordo de Paris é o primeiro pacto mundial detalhado sobre o clima e tem como objetivo central responder à ameaça das alterações climáticas, mantendo o aumento da temperatura média global neste século bem abaixo dos 2 °C acima dos níveis pré-industriais, e envidar esforços para limitar o aumento da temperatura a 1,5 °C acima dos níveis pré-industriais. O acordo fortalece, também, a capacidade dos países de lidar com os impactos das mudanças climáticas e fornece um mecanismo para que cada país defina suas metas de redução de emissões de gases de efeito estufa (contribuições nacionalmente determinadas, NDC). Em 2018, os signatários farão um balanço do progresso, o que se repetirá a cada cinco anos.



**PRECEITOS** Exposição do Sutra do Lótus realizada pela primeira vez em um país islâmico (Malásia, fev. 2014)

O próprio Shakyamuni tinha profunda convicção na dignidade e preciosidade da vida. Ele estava convencido de que essa dignidade existe na vida de todas as pessoas e que é sempre possível manifestar as potencialidades inerentes à vida mesmo sob as condições mais adversas.

Na sociedade de sua época prevalecia duas correntes de pensamento. Uma espécie de fatalismo que considerava o presente e o futuro inteiramente determinados pelo carma acumulado no passado. E a sustentação de que todas as coisas eram fruto do acaso e que

nada em nossa vida era resultado de qualquer causa ou circunstância particular.

A visão fatalista gerou a resignação de que nenhum esforço nosso alteraria o destino e a única alternativa seria aceitá-lo. Roubava a esperança do coração das pessoas. A outra concepção, desassociando qualquer ação de seu efeito, retirava a responsabilidade de autocontrole das pessoas, tornando-as indiferentes aos danos que causavam aos outros.

Shakyamuni queria livrar as pessoas das limitações e da influência nociva dessas duas visões quando ensinou:

Não julgue pelo nascimento, mas pela vida.  
Assim como da palha nasce o fogo,  
um nascimento inferior pode gerar  
um sábio,  
nobre, leal e verdadeiro.<sup>9</sup>

Tudo em nossa vida, longe de estar fixamente determinado, pode ser transformado para melhor por meio de nossas ações neste exato momento. Desta forma, o budismo ensina que uma mudança em nossa determinação no momento exato muda a realidade presente de nossa vida (jap. *in*; causa) que produz resultados futuros (jap. *ka*; efeito). Ao mesmo tempo, enfatiza a importância crucial do contexto de condicionamento (jap. *en*; relação), que pode influenciar poderosamente a interação entre causa e efeito. Em outras palavras, dependendo do contexto das relações que se formam, a mesma causa pode gerar efeitos completamente diferentes.

Nesta perspectiva, o budismo incentiva um modo de vida no qual, mantendo poderosa confiança na dignidade e nas possibilidades da vida, cultivamos relações de encorajamento e companheirismo mútuos com quem está prestes a perder a esperança.

## CAUSA E EFEITO

O budismo ensina que tudo no universo incorpora a lei de causa e efeito. A ciência moderna utiliza um enquadramento semelhante para explicar coisas que podem ser observadas ou mensuradas, mas a causalidade no budismo também inclui os aspectos invisíveis ou espirituais da vida, como a vivência de felicidade ou miséria, bondade ou crueldade. O acúmulo de causas feitas em nosso passado e presente é frequentemente denominado “carma”, que também pode ser visto como padrões de comportamento que tendem a se repetir, maneiras com as quais costumamos reagir a certas situações em nossa vida.

No entanto, esta não é uma doutrina de aceitação passiva ou resignação. Em vez disso, reconhece que criamos nosso próprio presente e futuro pelas escolhas que fazemos a cada momento. Compreendida por esta perspectiva, a lei de causa e efeito nos capacita, pois cada uma de nossas ações pode servir como causa que contribuirá para criar um mundo melhor, tanto para nós como para todos à nossa volta.

Na tradição budista Mahayana, o termo “bodisatva” é usado para descrever uma pessoa dedicada à sua felicidade e a dos outros, como se vê alegoricamente nas seguintes palavras do Sutra Vimalakirti:

Durante os breves éons de doenças,  
eles se tornam a melhor medicina sagrada;  
formam seres bons e felizes,  
suscitam a sua libertação.

Durante os breves éons de fome,  
tornam-se alimentos e bebidas.  
Aliviadas a sede e a fome,  
ensinam o Dharma aos seres vivos.

Durante os breves éons de espadas,  
meditam no amor,  
apresentando a não violência  
a centenas de milhões de seres vivos.<sup>10</sup>

Isso significa encorajar as pessoas que enfrentam os inevitáveis sofrimentos da vida, que o budismo denomina de os “quatro sofrimentos: nascimento, envelhecimento, doença e morte. E como indicam as palavras do Sutra Vimalakirti — se todos os seres vivos estão doentes, eu também estou doente<sup>11</sup> — ser um bodisatva significa ser guiado pelo espírito de empatia para reagir diante das crises sociais graves, onde quer que esteja ou mesmo que não seja diretamente impactado.

No mesmo sutra, os efeitos desta ação compassiva são descritos como uma “lâmpada inesgotável”:<sup>12</sup> a luz da esperança que acendemos não iluminará somente a vida do indivíduo com quem estamos interagindo, mas continuará a irradiar intensa luz na vida das pessoas ao nosso redor e em toda a sociedade.

Este espírito de bodisatva é o fundamento que mantém as iniciativas da SGI [Soka Gakkai Internacional] como organização religiosa que apoia a ONU [Organização das Nações Unidas] e se dedica à solução de desafios globais. Ao longo dos anos, temos nos envolvido em atividades de assistência aos refugiados e de reconstrução imediata dos desastres naturais. Nosso foco constante está em promover o empoderamento das pessoas, pelas pessoas e para as pessoas.

Como a lâmpada inesgotável, as capacidades internas das pessoas desencadeadas pelo empoderamento atuam como uma fonte duradoura de energia para a transformação, fonte de esperança indestrutível.

O Sutra do Lótus, que expressa a essência dos ensinamentos de Shakyamuni, contém a parábola da cidade imaginária e a terra do tesouro.<sup>13</sup>

Uma caravana atravessava um vasto deserto conduzida por um guia que conhecia bem o terreno perigoso. Os membros da caravana, exaustos, decidiram abandonar a viagem. Mas se recusassem, seus esforços teriam sido em vão. O guia usou de seus poderes mágicos, criando a visão de uma cidade magnífica na direção da qual poderiam avançar e os encorajou a perseverar até que a alcançassem. A miragem reavivou suas esperanças, e eles puderam descansar ao alcançar a cidade. Ao ver que haviam descansado, o guia revelou que a cidade era imaginária e fora criada por ele para encorajá-los. Seu destino efetivo, a terra do tesouro, estava próximo, e os incentivou a avançar juntos até chegar.

O tema que perpassa a parábola está nas palavras de Shakyamuni — juntos podem alcançar a terra do tesouro.<sup>14</sup> Isso pode ser entendido como uma altiva afirmação do espírito humano — avançar junto com os outros numa busca incansável pela felicidade de todos, sem importar quão dolorosa ou urgente essa busca possa parecer.

Se considerarmos isso em termos da relação causal citada anteriormente, as pessoas que tinham caído num estado de completa exaustão (causa), e que poderiam não ter conseguido continuar (efeito), foram revitalizadas e capacitadas a chegar ao seu destino (efeito diferente) graças às palavras de encorajamento (relação).

“Este espírito de bodisatva é o fundamento que mantém as iniciativas da SGI como uma organização religiosa que apoia a ONU e se dedica à solução de desafios globais”

Nichiren Daishonin (1222-1282), o mestre budista japonês que desenvolveu uma interpretação original do budismo baseado no espírito do Sutra do Lótus, afirma que não há diferença fundamental entre a cidade imaginária e a terra do tesouro, e elas são de fato idênticas. Não é simplesmente o resultado de alcançar a terra do tesouro que importa, mas o processo — de juntos poderem alcançar a terra do tesouro — que é inestimável.

Quando a causa e a relação do sofrimento das pessoas e o encorajamento para superá-lo estão harmoniosamente entrelaçados, cada pessoa se torna um “momento de vida na cidade imaginária” e resplandece com a máxima dignidade da vida — um “momento de vida na terra do tesouro”.<sup>15</sup>

Escrevendo sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) que precederam os ODS até 2015, observei que o esforço para alcançá-los deve estar focado não apenas no cumprimento dos objetivos, mas também no restabelecimento do bem-estar da pessoa que está sofrendo.<sup>16</sup> Quando se presta muita atenção aos resultados numéricos, pode-se falhar na atenção adequada às necessidades de pessoas reais; isso pode enfraquecer a motivação necessária para se alcançar os objetivos.



**DIÁLOGO** Dr. Pérez Esquivel e Dr. Ikeda no Centro Internacional da Amizade Soka, Tóquio (Japão, dez. 1995)

Lembro-me das palavras do ativista argentino Adolfo Pérez Esquivel: “Quando as pessoas aspiram a um objetivo humano comum, quando aspiram à paz e à liberdade, desenvolvem capacidades extraordinárias”.<sup>17</sup>

O Dr. Esquivel desenvolveu esta convicção fortalecendo a solidariedade com o povo da América Latina que não abriu mão da esperança no futuro, mesmo em condições sociais das mais difíceis. Ele expressou sua admiração pelas ações de pessoas comuns com esta imagem impressionante:

Quando mergulhamos mais profundamente na vida das pessoas comuns, vemos que homem ou mulher, jovem ou velho — sem pretensão de heroísmo — cotidianamente buscam otimistas o acontecimento de um milagre e o desabrochar de um botão.

Essa flor pode se abrir no meio das batalhas da vida cotidiana, no sorriso de uma

criança, no cultivo da esperança e na iluminação do nosso caminho, mostrando-nos que nossos esforços são a nossa libertação.<sup>18</sup>

Nenhum dos ODS será fácil de alcançar. Mas as relações empáticas com aqueles que lutam e a dedicação ao trabalho de empoderamento dão a cada um de nós a capacidade de fazer uma flor desabrochar em nosso ambiente.

Nisso ninguém tem papel mais crucial que os jovens.

A Resolução nº 2.250 do Conselho de Segurança, que mencionei anteriormente, enfatiza a importância da participação dos jovens no processo de construção da paz. De acordo com essa afirmação, os jovens têm o poder de criar novos avanços em qualquer área que estejam envolvidos ativamente.

Pessoas de todo o mundo ficaram como-vidas no verão passado, quando uma equipe



**HUMANISMO** Crianças sírias refugiadas estudam em sala de aula com voluntários em Istambul (Turquia, mar. 2016)

composta por refugiados participou dos Jogos Olímpicos pela primeira vez. As palavras que disseram nessa ocasião continuam a ressoar em muitos corações. Um deles expressou o desejo de aproveitar a oportunidade de correr nos Jogos Olímpicos para passar a mensagem aos companheiros refugiados de que a vida pode ser transformada para melhor; enquanto outro relembrou suas experiências e afirmou que delas extraiu sua força e que competia com a esperança de que os refugiados pudessem ter uma vida melhor.<sup>19</sup>

Essas palavras expressam o fato de que a verdadeira essência dos jovens não está no passado, nem no futuro, mas sim no desejo de fazer algo para o benefício das outras pessoas no momento presente.

Para os jovens, a visão dos ODS — de não deixar ninguém para trás — nada tem de um sonho a ser alcançado. É uma conquista. Os

ODS mostram a realidade presente de viver neste planeta junto com nossos semelhantes, um modo de vida dedicado ao esforço diário de construir uma sociedade unida pela alegria de viver.

Quando o jovem consegue iluminar o cantinho em que vive, ele o transforma em um lugar seguro, onde todos recuperam a esperança e o gosto de viver. A chama da determinação de viver juntos, acesa neste espaço, brilha como manifestação da sociedade global em que ninguém é deixado para trás, inspirando coragem nas pessoas que vivem em outras comunidades e que enfrentam desafios semelhantes.

Na minha proposta de três anos atrás, salientei que os jovens de hoje são a geração que pode agir efetivamente para alcançar os ODS. Propus também que a ONU e a sociedade civil trabalhassem em conjunto para pro-

mover uma educação para a cidadania global que estimule o potencial ilimitado dos jovens.

Fiquei muito satisfeito com a realização da conferência das organizações não governamentais (ONG) do ano passado, vinculada ao Departamento de Informação Pública da ONU (Conferência DPI/ONG), na Coreia do Sul, sob o tema “Educação para a Cidadania Global: Alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável Juntos”. Assistida por muitos jovens, a conferência adotou o Plano de Ação de Gyeongju, criando um compromisso com os participantes de promover a educação para a cidadania global.

O verdadeiro valor de qualquer estado ou sociedade está no que fazem por aqueles que mais estão sofrendo, não por sua capacidade militar ou econômica.

A educação cria ações e atividades que determinam a direção da sociedade ao longo do tempo. A educação para a cidadania global, em particular, fornece o contexto condicionante (relação) que permite às pessoas redirecionar os eventos, onde quer que aconteçam, com uma abordagem partilhada mais humana, e promover a ação e a solidariedade. Ela incentiva as pessoas a considerar os problemas globais em termos de sua própria vida e estilo de vida, confiando assim na importância de sua participação.

Com a educação para a cidadania global, os alunos têm a oportunidade de: (1) ganhar a experiência de ver o mundo pelos olhos dos outros; (2) descobrir e esclarecer o que é necessário para construir uma sociedade onde todos possam viver juntos; e (3) contribuir para a criação de locais seguros ao seu redor.

Estou convencido de que este tipo de educação atuará como catalisador (relação) que possibilitará aos jovens desenvolver todo o seu potencial, impulsionando a mudança global.

### **Superando a divisão e a xenofobia**

O segundo desafio é assentar as bases para sociedades nas quais a divisão e a desigualdade sejam superadas.

Com o rápido avanço da globalização, cada vez mais pessoas estão vivendo em países fora do seu local de nascimento. Desde o início do século 21, houve um aumento de 40% dessas pessoas, que hoje já atinge 244 milhões.<sup>20</sup>

Com a contínua estagnação da economia global, os impulsos xenofóbicos se fortaleceram, criando condições cada vez mais difíceis para os migrantes e suas famílias.

O ex-chanceler austríaco Franz Vranitzky abordou esta questão quando discursou numa conferência inter-religiosa em Viena há três anos. Observando que à medida que a globalização e a integração aumentam, a solidariedade diminui, ele afirmou:

Na maioria dos países europeus, a solidariedade decai quando se trata de migrantes, requerentes de asilo, ou algo assim. Acredito também ser necessário dizer que a maioria dos líderes políticos, quando se trata de suas próprias oportunidades em campanhas, infelizmente dizem “Adeus à solidariedade aos pobres e aos estrangeiros”.<sup>21</sup>

Nos últimos anos, a preocupação aumentou, não apenas na Europa, mas em todo o mundo, pela intensificação do discurso de ódio que incita à discriminação e ao discurso político xenófobo.

Em conjunto com a Assembleia Geral das Nações Unidas sobre Refugiados e Migrantes em setembro passado, foi lançada uma nova campanha para atender e transformar as angústias associadas ao crescente trânsito internacional de pessoas. É evidente que qual-

quer tentativa de resolver tais questões deve levar em conta as preocupações legítimas de pessoas que vivem em países que recebem migrantes e refugiados. Como a ONU aponta nesta campanha, é crucial procurar meios para combater o impulso à xenofobia e reumanizar o discurso em torno das populações de migrantes e refugiados enquanto abordamos essas questões.

Quando eu me encontrei com o ex-chanceler Vranitzky em outubro de 1989, discutimos a importância dos intercâmbios culturais e dos jovens e ele enfatizou que “é a distância do coração que mais importa, mais do que a distância medida em número de horas de viagem de avião”.<sup>22</sup>

Ele também me contou a história de como seus pais abrigaram um casal judeu que fugia da perseguição durante a Segunda Guerra Mundial. Numa época de grande pressão, seus pais agiram de forma coerente e humana, sem fazer qualquer distinção com base na religião ou etnia. Refletindo sobre esta experiência de guerra, o ex-chanceler concluiu:

Há uma máxima latina que diz “Quer paz, prepare-se para a guerra”. Mas fiz a seguinte substituição que fundamenta minhas ações: “Quer paz, prepare-se para a paz”.<sup>23</sup>

Nosso encontro aconteceu apenas um mês antes da queda do Muro de Berlim. Em fevereiro daquele ano, o chanceler Vranitzky concordou em remover o arame farpado ao longo da fronteira entre Áustria e Hungria, abrindo oficialmente o caminho para a circulação de pessoas do Leste para o Bloco Ocidental que começou em setembro e levou à queda do Muro de Berlim em novembro.

Richard von Weizsäcker (1920–2015), primeiro presidente da Alemanha reunificada,

“Classificar e discriminar indivíduos com base num único atributo é errado; é uma fonte de divisão que mina a sociedade como um todo”

descreveu o Muro de Berlim como a política que nega a humanidade transformada em pedra.<sup>24</sup> Não devemos permitir que esse tipo de divisão terrível se repita no século 21.

Mesmo que as pessoas tenham uma sensação de conforto, cercadas de quem compartilha da mesma cultura ou do mesmo grupo étnico, devemos permanecer atentos em relação ao perigo de que essa consciência de grupo possa se transformar em violenta discriminação ou antagonismo dirigidos a outros grupos em momentos de elevada tensão social. Anteriormente, eu me referi à exortação de Shakyamuni em não julgar pelo nascimento, mas pela conduta. Classificar e discriminar indivíduos com base num único atributo é errado; é fonte de divisão que mina a sociedade como um todo.

Analisando o mundo atual, cabe dizer que outra questão pode surgir da mesma profunda motivação da xenofobia. Trata-se da crescente tendência de priorizar a racionalidade econômica baseada, acima de tudo, no mercado. Percebe-se esta tendência em muitos países que estão lutando contra a estagnação econômica. Os impactos negativos recaem severamente sobre os setores mais vulneráveis da sociedade, cujas circunstâncias se tornam cada vez mais dramáticas.





**ISLAMISMO** Reencontro do presidente Ikeda com Prof. Dr. Majid Tehranian (ao centro). O presidente da Associação pela Paz de Sydney também participa do diálogo (à direita do Dr. Tehranian) (Japão, maio 1999)

É inquestionável que a busca da racionalidade econômica desencadeou forças que impulsionaram o crescimento. Mas isso é apenas parte do cenário. Quando a priorização da racionalidade econômica se enraíza, mesmo os julgamentos mais significativos são feitos de forma quase mecânica, com pouca consideração aos desejos e ao bem-estar das pessoas que realmente vivem na sociedade.

O pensamento xenófobo é impulsionado por rígida divisão do mundo entre o bem e o mal. Não deixa espaço para dúvidas ou hesitação. Da mesma maneira, quando a busca pela racionalidade econômica não tem o contrapeso da consideração pelo fator humano, uma psicologia pronta para extrair até mesmo os sacrifícios mais extremos dos outros é desencadeada.

O economista Amartya Sen oferece algumas orientações importantes para considerar esta questão em seus escritos sobre justiça social. Ao desenvolver sua análise, Sen destaca a distinção entre duas palavras diferentes

usadas para transmitir a ideia de justiça na antiga literatura sânscrita sobre ética e jurisprudência: *niti* e *nyaya*.

De acordo com Sen, *niti* se refere à justeza de instituições, leis e organizações, enquanto *nyaya* diz respeito ao que emerge e a como emerge, e em particular “a vida que as pessoas são realmente capazes de levar”.<sup>25</sup> Enfatiza que “o papel das instituições, das leis e das organizações, por mais importantes que sejam, deve ser avaliado na perspectiva mais ampla e inclusiva de *nyaya*, que está inevitavelmente ligada ao mundo que emerge, não apenas às instituições ou às leis que temos”.<sup>26</sup>

Além disso, Sen compara a política do antigo rei indiano Ashoka com a de Kautilya, o conselheiro principal do avô de Ashoka. Kautilya foi autor de uma célebre obra sobre economia política e o foco de seu interesse era o sucesso político e o papel das instituições na conquista da eficiência econômica.

Por outro lado, a política de Ashoka sempre se concentrou no comportamento e nas ações dos indivíduos. De acordo com Sen, o pensamento de Ashoka incluía a convicção de que “o enriquecimento social poderia ser alcançado pelo bom comportamento voluntário, e não forçado, dos cidadãos”.<sup>27</sup>

O posicionamento de Ashoka se desenvolveu por meio da sua profunda fé no budismo, para o qual ele se voltou depois de ser atormentado pelo arrependimento de ver a carnificina que causara ao invadir outro Estado.

A ideia do caminho do meio é fundamental no budismo. Se pensarmos nisso em relação ao conceito de *nyaya*, ele indica uma atenção constante e consciente ao impacto das nossas ações sobre os outros, com a questão da felicidade humana ou da miséria servindo como parâmetro abrangente.



**LAÇOS** Presidente Ikeda e Dr. Arnold Toynbee dialogam e passeiam no Parque Holand, próximo à residência do Dr. Toynbee (Inglaterra, maio 1972)

*Niti*, por sua vez, ocupa uma posição importante na sociedade contemporânea. Como Sen ressalta, “hoje, muitos economistas compartilham, naturalmente, a visão de Kautilya de uma humanidade corrupta”.<sup>28</sup> Aqui a grande ênfase é numérica: sobre a taxa de crescimento ou maximização do lucro. Os vulneráveis na sociedade são muitas vezes negligenciados ou até descartados porque seus interesses são difíceis de quantificar.

A xenofobia e o discurso de ódio dividem o mundo em dois, nós e eles, que existem para corresponder ao bem e ao mal.

Que tipo de ancoragem social nós temos para resistir às forças da xenofobia que aprofundam as divisões dentro da sociedade e à racionalidade econômica que é indiferente aos sacrifícios dos que são vulneráveis? Creio que a resposta está na forte ligação entre as pessoas, a força da amizade que traz à tona a imagem concreta do outro em nosso coração.

Cito o renomado historiador britânico Arnold J. Toynbee (1889-1975), com quem tive um longo diálogo:

“As interações pessoais e a amizade comovem as pessoas e as tocam nas profundezas do seu ser”

Sei por experiência que o preconceito tradicional se dissolve com o conhecimento pessoal. Quando alguém conhece pessoalmente outro ser humano, independentemente de religião, raça ou nacionalidade, não pode deixar de reconhecer que essa pessoa também é humana assim como ele próprio.<sup>29</sup>

Ao longo do meu empenho em intercâmbios e interações com pessoas de diferentes partes do mundo, fui tocado pela sensação palpável da natureza inestimável da amizade. Cada um dos quase oitenta diálogos que publiquei no decorrer dos anos evidenciou um anseio de paz coletivo entre as diferenças de fé e experiência de vida; cada um é a cristalização da amizade e um desejo comum de comunicar as lições da história para a nova geração.

As condições que os imigrantes enfrentam surgiram em meus diálogos com dois estudiosos americanos, Dr. Larry Hickman e Dr. Jim Garrison, ambos ex-presidentes da Sociedade John Dewey. Discutimos o ativismo social pioneiro realizado por Jane Addams (1860-1935) nos Estados Unidos por volta da virada do século 20.

Depois de visitar e ficar impressionada com o Toynbee Hall, centro de assistência social em Londres batizada, a propósito, com o nome do tio do Dr. Toynbee, ela decidiu fundar

um centro semelhante em seu país de origem. A maioria das pessoas que vivem em torno da Hull House em Chicago era de imigrantes carentes. De acordo com uma biografia de Addams, Hull House era descrita como:

(...) uma espécie de ilha que oferece oportunidade para muitos imigrantes respirar mais livremente. Aqui, eles podem falar seu próprio idioma, tocar sua música, viver sua cultura (...).<sup>30</sup>

Com a ajuda de Addams e seus associados, esses imigrantes estabeleceram as bases de sua nova vida nos Estados Unidos.

Addams sempre foi motivada pela crença de que é mais valioso unir as pessoas do que separá-las. Os jovens inspirados por ela se tornaram a primeira geração de cientistas sociais e assistentes sociais. Por meio de sua persistente pesquisa e trabalho de campo, o quadro jurídico de apoio aos imigrantes e às pessoas carentes foi remodelado.

O Dr. Hickman observou que as ações de Addams nos oferecem importantes lições enquanto enfrentamos os desafios do nosso mundo cada vez mais globalizado. Concordo plenamente.

Uma das pessoas que trabalhou com Addams na Hull House disse que eles não tinham grandes esperanças de melhorar o mundo inteiro, apenas queriam ser amigos daqueles que estavam sozinhos.<sup>31</sup>

A própria Addams parece ter abraçado a mesma convicção. Ela incentivou suas colegas a se tornarem amigos e vizinhos daqueles que precisam.

Eles nos ensinam o que a vida realmente é. Podemos aprender onde nossa envaidecida civilização falhou.<sup>32</sup>



**MOVIMENTO SOCIAL** Hull House Jane Addams na Universidade de Illinois em Chicago

As interações pessoais e a amizade comovem as pessoas e as tocam nas profundezas do ser.

O ex-presidente indonésio Abdurrahman Wahid (1940–2009) alertou sobre ser levado por concepções de conflito que são muitas vezes rumores criados pela sociedade. Durante muitos anos, o falecido presidente liderou um grande movimento muçulmano na Indonésia. Ele negou a inevitabilidade de confrontos entre civilizações e enfatizou que o maior desafio é superar nossos mal-entendidos e preconceitos em relação aos outros.<sup>33</sup>

Em nosso diálogo, ele expressou repetidamente sua ideia sobre a importância da amizade. Ele citou sua própria experiência

de estudar no exterior e manifestou enorme esperança pelo efeito de tais intercâmbios nos jovens. “Meu sincero desejo é que não se tornem pessoas que pensam somente em seu interesse pessoal, mas que se preocupem com os interesses da sociedade e promovam a paz e a harmonia no mundo”.<sup>34</sup>

Baseado na minha própria vivência em criar laços de amizade com pessoas de diferentes origens religiosas e culturais, buscando construir maior solidariedade pela paz, compreendo profundamente o significado de suas palavras.

Em 1996, fundei o Instituto Toda para a Paz Global e Pesquisa Política para perpetuar o legado de Josei Toda e sua visão de cidadania global e de um mundo livre das armas nucleares. O estudioso da paz, de origem iraniana, Dr. Majid Tehranian (1937-2012), meu amigo de longa data, nos honrou como primeiro diretor do instituto.

O mundo não é simplesmente um conjunto de Estados, nem é composto apenas por religiões e civilizações. Nosso mundo vivo é formado pela soma de empreendimentos de incontáveis seres humanos, que compartilham experiências particulares, mas que são diferentes entre si.

Enxergar e julgar os outros apenas pelo prisma da religião ou da etnia distorce a rica realidade de cada um como pessoa. Por outro lado, quando enaltecemos profundamente o valor único de cada um, com a nossa amizade, as diferenças de etnia ou religião são iluminadas pela dignidade e grandeza desse amigo e brilham como valor da diversidade.

O campo magnético da amizade aciona uma bússola interior quando perdemos nosso senso de direção. Ele nos ajuda a criar uma sociedade justa quando ela parece se desviar do seu curso.



**CIDADANIA** Conselho dos pesquisadores do Instituto Toda para a Paz Global e Pesquisa Política (Turquia, ago. 2014)

“Uma crescente onda de amizade no seio da geração mais jovem não falhará em transformar a sociedade”

Este é o raciocínio inerente às ações consistentes e ativas da SGI para incentivar os intercâmbios da sociedade civil, especialmente entre os jovens, promovendo os encontros de vida a vida dos quais a amizade genuína floresce. Os laços de amizade proporcionam um alicerce para resistir às correntes de ódio e incitação em momentos de agravamento das tensões entre países ou de conflitos entre tradições religiosas. Imaginando o rosto de cada amigo, determinado a não permitir que a sociedade se torne um lugar onde ele se sentiria indesejável, provocamos uma transformação do conflito para a coexistência, começando no nosso próprio ambiente. Desejamos garantir a emergência global de uma geração de pessoas comprometidas com a paz, que construam pontes de amizade e interrompam a reação em cadeia de ódio e violência.

Mais do que tudo, há alegria numa conversa com um amigo. A amizade torna a troca de palavras prazerosa e fonte de incentivo. Ela nos apoia e nos dá coragem para enfrentar as situações mais difíceis.

Uma crescente onda de amizade no seio da geração mais jovem não falhará na transformação da sociedade. Estou convencido de que a amizade entre os jovens reverterá poderosamente as correntes manchadas da divisão e dará origem a uma vibrante cultura de paz baseada no profundo respeito pela diversidade.

### **Engajar os jovens e as mulheres nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**

O terceiro desafio que quero abordar é o de melhorar a capacidade das comunidades de reconhecer e responder positivamente aos eventos ou circunstâncias mais difíceis.

Os ODS diferem dos ODM em muitos aspectos, mas o que considero particularmente importante é o fato de que foram adotados pelas consideráveis contribuições da sociedade civil.

No processo de desenvolvimento dos ODS dentro da ONU, houve um esforço conjunto para diálogos com várias partes interessadas, incluindo mulheres e jovens. Realizaram-se pesquisas sobre áreas prioritárias de intervenção, nas quais participaram mais de 7 milhões de pessoas. Cerca de 70% dos entrevistados tinham menos de 30 anos.<sup>35</sup> Muitas áreas de preocupação que ocuparam um lugar de destaque no estudo, tais como educação, saúde e oportunidades de trabalho, foram incorporadas aos ODS.

A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável assinala a importância desta decisão no seguinte texto:

“A amizade torna a troca de palavras prazerosa e fonte de incentivo. Ela nos apoia e nos dá coragem para enfrentar as situações mais difíceis”

Milhões já se comprometeram — e se comprometerão — com esta Agenda. É uma Agenda do povo, pelo povo e para o povo — e isto, acreditamos, é garantia para o seu sucesso.<sup>36</sup>

Na proposta que escrevi por ocasião da conferência Rio+20, em 2012, o ponto de partida para a elaboração dos ODS, afirmei minha forte esperança de que eles seriam, em sua essência, uma agenda popular. Porque senti que seria difícil criar uma dinâmica para alcançar qualquer um dos objetivos sem que um grande número de pessoas se identificasse, uma a uma, com as questões.

Outra característica peculiar dos ODS, como agenda do povo, é que eles assumem a clara consciência de que as questões que enfrentamos “são inter-relacionadas e exigem soluções integradas”.<sup>37</sup> O que difere um pouco dos ODM, que promovem, de forma mais autônoma, temas como a erradicação da pobreza ou da fome.

Os ODS geram ciclos virtuosos nos quais o progresso em direção a um objetivo permite o progresso em várias outras frentes. Por exemplo, progressos na obtenção de fontes seguras de água (Objetivo 6), conduzem a uma redução do número de pessoas que sofrem de doenças infecciosas ou outras (Objetivo 3). Também reduzirá a carga sobre

“O problema não é simplesmente sofrer, mas como enfrentamos esse sofrimento e nossas ações diante dele”

as mulheres, que passam muitas horas por dia fornecendo água para suas famílias, abrindo novas oportunidades de emprego para elas (Objetivo 5), permitindo que se libertem da pobreza extrema (Objetivo 1) e que seus filhos frequentem a escola (Objetivo 4).

Conhecido como *Nexus Approach* [Abordagem Nexus], o objetivo foi pesquisado na Universidade das Nações Unidas e experimentalmente desenvolvido em várias regiões antes do lançamento dos ODS. Esta abordagem visa descobrir as inter-relações entre as 169 metas nas 17 áreas que compõem os ODS e obter progressos simultâneos em sua realização.

Os ODS também incluem uma série de áreas que não foram cobertas pelos ODM, como mudanças climáticas e desigualdade de renda. É importante lembrar, entretanto, que todos esses problemas são, em última instância, de origem humana e, portanto, devem ser passíveis de resolução por meio de esforços humanos. Se, ao entrarmos em ação, avançarmos substancialmente numa área, este progresso pode ser alavancado para acelerar o progresso em outros desafios.

Dentro da tradição do budismo Mahayana, o ensinamento de que ilusões, ou desejos mundanos e sofrimentos, são essenciais para a iluminação indica o tipo de dinamismo que se faz necessário. Isso requer reorientação da nossa compreensão sobre a natureza da feli-

cidade humana. A felicidade não é o resultado de eliminar ou se distanciar dos desejos e impulsos que dão origem ao sofrimento. Ao contrário, é fundamental a compreensão real de que a iluminação — a força e a sabedoria para construir um caminho para uma vida melhor — continue a existir em nós apesar da angústia e da dor.

O problema não é simplesmente sofrer, mas como enfrentamos esse sofrimento e nossas ações diante dele.

Em seu comentário sobre a passagem do Sutra do Lótus, “Ele [o Sutra do Lótus] faz com que os seres vivos se livrem de todo sofrimento, toda doença e dor. Desata todos os laços do nascimento e da morte”,<sup>38</sup> Nichiren Daishonin escreve: “Devemos considerar as palavras ‘se livrem’ no sentido de ‘tornar-se iluminado a respeito’”<sup>39</sup> (ou seja, enxergar claramente a natureza de).

Daishonin nos incentiva a não desviar os olhos da realidade que nos cerca, mas enfrentá-la. Ao compreendermos claramente a natureza das nossas circunstâncias, nós nos transformamos, exatamente como somos, de alguém atormentado pela angústia em alguém que cria a própria felicidade. Além disso, o budismo ensina que essas ondas de transformação se propagam pela rede de interligações que vivemos, repercutindo fortemente no ambiente e em toda sociedade.

Ao discutir a autenticidade humana (*humanitas*), a filósofa Hannah Arendt (1906–1975) citou o princípio de não ficar aprisionado em qualquer situação, mas sim transformá-la, criando proativamente novas relações. Referindo-se ao conceito de “aventurar-se no mundo” discutido por Karl Jaspers, também seu mestre, ela argumentou que a autenticidade humana não pode ser alcançada isoladamente, mas “somente



**GÊNERO** Mulheres da Marinha dos Estados Unidos durante painel de debates, “Change Makers and Peacekeepers: The Journey towards Equal Representation of Women” [Agentes da Mudança e Promotoras da Paz: A Jornada pela Igualdade de Representação das Mulheres], coorganizada pela ONU Mulheres e pela Missão dos Estados Unidos

por alguém que lança sua vida e a si mesmo a ‘aventurar-se no mundo’”.<sup>40</sup>

Arendt descreve essa aventura como o ato de “tecer nosso fio numa rede de relacionamentos”. Embora reconhecendo a incerteza do resultado — “O resultado disso nunca sabemos” —, Arendt expressa sua forte convicção da seguinte forma:

[Essa] aventura só é possível quando há confiança nas pessoas. Uma confiança — que é difícil de conceber, mas fundamental — no que é humano em todas as pessoas. Caso contrário, a aventura não poderia ser vivida.<sup>41</sup>

Esta confiança, como enfatiza Arendt, é fundamental e dirigida não apenas a nós mesmos e aos outros à nossa volta; é também a confiança no sentido de enfrentar o mundo em que vivemos sem perder a esperança.

No ano passado, a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o

Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres) destacou exemplos de mulheres que dão apoio aos ODS, entrando em ação pelas pessoas, muitas vezes em circunstâncias desafiadoras, sob o tema “From where I stand” [Do Meu Ponto de Vista]. Cita uma engenheira solar atuante em sua aldeia na Tanzânia. Apesar de ter uma deficiência, ela se esforçou muito para desenvolver suas habilidades e pôr seu conhecimento à disposição dos seus companheiros aldeões. No início, poucos homens a respeitavam como engenheira, mas quando ela instalou equipamentos solares na casa deles, levando luz a eles e consertou equipamentos quebrados, começou a ganhar o respeito de numerosos homens.

Antes nossa aldeia ficava na escuridão com o entardecer, mas agora há luz. Agora mesmo duas crianças vieram buscar a lanterna solar que arrumei para eles. Estavam com sorrisos largos no rosto. Hoje à noite poderão fazer a lição de casa.<sup>42</sup>

Acredito que este seja um excelente exemplo de um ciclo virtuoso que faz os ODS progredirem como agenda do povo. O empoderamento de uma mulher não apenas fez com que energias renováveis fossem disponibilizadas para as pessoas numa aldeia da Tanzânia, mas provocou uma mudança visível nas atitudes em relação às mulheres, e as crianças tiveram acesso a maior oportunidade de estudo.

O trabalho desta mulher, silencioso, mas inestimável, demonstra o que Arendt disse com “tecer nosso fio”, melhorando as condições no lugar onde está agora. Vejo nisto o verdadeiro brilho da autêntica humanidade.

A capacidade de resolver problemas não é exclusiva de pessoas especiais: é um caminho que se abre diante de qualquer um de nós,

quando enfrentamos a realidade, assumindo nosso pesado fardo e agindo com persistência. Nossa capacidade de superar as dificuldades é desencadeada à medida que transformamos angústia e preocupação em determinação e ação.

Os jovens são agraciados com uma renovada sensibilidade e a procura apaixonada por ideais. Sua energia estimula uma mudança positiva em cadeia enquanto criam laços de confiança entre as pessoas.

Eles estão no centro das atividades da SGI em prol da paz desde a época do presidente Josei Toda e sua declaração pela abolição das armas nucleares. Estes jovens repudiam o sentimento de impotência que aflige a sociedade contemporânea e convence as pessoas de que suas ações não trazem mudanças. Agem com energia inspirados pela certeza de que as circunstâncias do momento são exatamente as que possibilitam realizar sua vocação.

Há três anos, os jovens no Japão iniciaram a campanha de paz “Ação Global SOKA”. Realizaram atividades para ajudar a reconstrução espiritual e psicológica nas regiões do Japão afetadas pelo terremoto e tsunami de março de 2011. Lutaram para criar laços de amizade com seus vizinhos asiáticos, enquanto buscavam construir uma cultura de paz e suscitar a abolição das armas nucleares.

Os jovens da SGI em todo o mundo estão enfrentando o desafio de transformar a realidade em áreas de integridade ecológica, a educação para os direitos humanos e a não violência. Algumas atividades têm vínculos específicos com os ODS. Por exemplo, em novembro do ano passado, a SGI copatrocinou um evento chamado “Youth Boosting the Promotion and the Implementation of Sustainable Development Goals (SDGs)” [Jovens que Impulsionam a

“[A energia dos jovens] estimula uma mudança positiva em cadeia enquanto criam laços de confiança entre as pessoas”

Promoção e a Implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)] na sede da ONU. O Dr. David Nabarro, assessor especial do secretário-geral das Nações Unidas para a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, disse aos participantes:

Temos de garantir que haja espaço para os jovens de todos os lugares fazerem parte deste movimento pelo desenvolvimento sustentável (...). Os jovens querem trabalhar juntos com alegria, querem confiar uns nos outros.<sup>43</sup>

Suas palavras refletem nosso compromisso em alcançar os ODS. Imaginar que os jovens só reagem a ameaças imediatas é fazer-lhes um grave desserviço. Eles avançam com a confiança de que há alegria e esperança a serem compartilhadas para atender e superar cada desafio.

Embora não haja obrigação legal de alcançar os ODS, eles estão imbuídos da esperança de transformar o nosso mundo. Quando um crescente número de jovens faz da conquista dessa esperança seu juramento pessoal e age com base nele, os esforços para alcançar todos os objetivos se potencializam.

Os membros da SGI, cuidando dos jovens, continuarão a lutar pelas mudanças positivas em cadeia, para resolver todo o



leque de questões — desde as encontradas nas comunidades locais até as ameaças ao nosso planeta.

### **Abolição das armas nucleares: ultrapassar a dissuasão**

Em seguida, apresento propostas concretas sobre três áreas prioritárias cruciais para a conquista de sociedades pacíficas, justas e inclusivas que são o propósito dos ODS:

1. Proibição e abolição das armas atômicas;
2. Reagir diante da crise dos refugiados; e
3. Construir uma cultura de direitos humanos.

Em relação à primeira delas, em dezembro de 2016, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou uma resolução histórica que pedia o início das negociações sobre um instrumento juridicamente obrigatório para proibir as armas nucleares. A resolução prevê uma primeira conferência a ser convocada no final de março e uma segunda entre meados de junho e início de julho, ambas na sede da ONU, e incentiva os governos participantes a se esforçarem diligentemente para a conclusão antecipada de um tratado.

No nosso mundo hoje, ainda existem mais de 15 mil ogivas nucleares.<sup>44</sup> Os progressos pelo desarmamento nuclear se estancaram, enquanto os planos para a modernização dos arsenais nucleares progrediram. A ameaça representada pelas armas malignas está crescendo.

Quando era presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy (1917-1963) usou uma parábola da Grécia antiga para nos alertar sobre esse perigo. A espada de Dâmocles



### **O APLICATIVO “MAPPING”**

O Mapping (“mapeamento” e “ação”, em inglês) é um aplicativo criado para rastrear e mapear as atividades que contribuem para a realização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) lançados nas Nações Unidas em novembro de 2016. O aplicativo foi desenvolvido em conjunto pela Soka Gakkai Internacional (SGI) e a Carta da Terra Internacional (CTI), que colaboram há mais de quinze anos na criação de exposições de conscientização que promovam a educação para o desenvolvimento sustentável.

O propósito do aplicativo é envolver os jovens no desafio de tornar os 17 ODS uma realidade até a data-limite de 2030, possibilitando que postem fotos ou vídeos de qualquer ação, projeto ou ideia que fomente a realização dos ODS e os compartilhem em um mapa do mundo. O aplicativo funciona como uma ferramenta educacional e um instrumento para inspirar os usuários a agir e a compartilhar soluções, mudando assim o foco dos problemas que estamos enfrentando para as soluções que existem.

Para participar, visite: <[www.mapping.org](http://www.mapping.org)>

permanece suspensa acima da nossa cabeça como ameaça de inconcebível destruição à humanidade e ao ambiente. Não é coisa do

passado. Ao contrário, enfatiza a resolução da Assembleia Geral, a necessidade de resolver a questão nuclear é “ainda mais urgente”.<sup>45</sup>

A este respeito, farei várias propostas.

A primeira é que se realize o mais breve possível a conferência Estados Unidos-Rússia para revitalizar o processo do desarmamento atômico. Uma responsabilidade verdadeiramente importante recai sobre os ombros destes dois líderes, cujos países possuem enormes arsenais nucleares que ameaçam a vida na Terra e a reduzir a cinzas as civilizações que a humanidade criou ao longo dos milênios.

Desde que, há três anos, as tensões sobre a situação na Ucrânia aumentaram drasticamente entre os dois países, a frieza nas relações bilaterais tem sido tamanha que pode ser comparada a uma nova Guerra Fria. E desde que o Novo Tratado START entrou em vigor em 2011, as negociações sobre o desarmamento nuclear ficaram paralisadas, ainda há questões relativas ao estatuto do tratado a partir de 2018 e a atual etapa de reduções está programada para ser concluída.

Donald J. Trump, que se tornou presidente dos Estados Unidos em 20 de janeiro, chamou o presidente russo Vladimir Putin após sua vitória eleitoral e em conversa concordaram com uma melhoria nas relações bilaterais. Desejo que os líderes destes dois países, que possuem mais de 90% dos arsenais nucleares do mundo, se empenhem em discussões sérias sobre a questão das armas atômicas e trabalhem para aliviar as tensões.

Mais de vinte e cinco anos após o fim da Guerra Fria, a política de dissuasão nuclear ainda está em vigor, mas cerca de 1.800 armas nucleares estão em alerta máximo, o que significa que podem ser lançadas imediatamente.<sup>46</sup>

Vejamos o significado deste fato.

“Os progressos pelo desarmamento nuclear se estancaram, enquanto os planos para a modernização dos arsenais nucleares progrediram. A ameaça representada pelas armas malignas está crescendo”

Em um discurso recente, o ex-secretário de Defesa dos Estados Unidos, William J. Perry, contou um episódio de sua época como subsecretário de Defesa na Administração Carter. Ele falou sobre o choque de receber uma comunicação de emergência tarde da noite do oficial de vigilância do Comando de Defesa Aeroespacial da América do Norte (Norad), avisando que 200 mísseis soviéticos estavam em voo em direção aos Estados Unidos. Embora isso tenha sido rapidamente entendido como alarme falso, se esta informação estivesse certa, o presidente dos Estados Unidos teria apenas alguns minutos para tomar a decisão crucial de lançar ou não um contra-ataque.<sup>47</sup>

A lógica da dissuasão exige que, mesmo que de modo algum deseje uma guerra nuclear, possa demonstrar prontidão para revidar a qualquer momento como meio de prevenir um ataque inimigo. Além disso, para provar que isso não é apenas uma questão de palavras, a capacidade de um contra-ataque imediato deve ser mantida. Nessas condições, a guarda não pode ser baixada nem por um momento, e a ameaça de guerra atômica iminente é um

fardo constante e inevitável. Acredito que isso descreva a realidade da dissuasão nuclear que começou na Guerra Fria e continua até hoje.

Olhando para trás, quando o presidente da Soka Gakkai, Josei Toda, fez sua declaração pela abolição das armas nucleares em 1957, os contornos da postura de dissuasão nuclear estavam tomando forma definitiva. Tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética estavam testando bombas de hidrogênio numa crescente competição para criar armas cada vez mais poderosas, e houve uma mudança no objetivo dos sistemas de entrega de bombardeiros para mísseis balísticos.

Em agosto de 1957, um mês antes de o presidente Josei Toda fazer sua declaração, a União Soviética testou com sucesso um míssil balístico intercontinental (ICBM), dando-lhe a capacidade de lançar e dirigir um ataque de armas nucleares contra qualquer local na Terra. Além disso, em 6 de setembro, apenas dois dias antes de sua declaração, as negociações de desarmamento para a redução e proibição de armas nucleares, conduzidas sob o amparo da ONU por quase seis meses, entraram em colapso. Intensas deliberações envolvendo os Estados Unidos, o Reino Unido, a França, a União Soviética e também o Canadá não foram suficientes para gerar um acordo e as negociações foram suspensas indeterminadamente.

O presidente Josei Toda identificou a doutrina da dissuasão como a razão fundamental na corrida incessante para produzir mais dessas armas que podem causar uma catástrofe para a humanidade. Ele observou que as justificativas para possuir armas de destruição em massa — que representavam a força de dissuasão que mantinha a paz — se concentravam apenas na proteção dos países que as possuíam, permanecendo friamente indiferentes



### **O APELO DE JOSEI TODA PARA A ABOLIÇÃO NUCLEAR**

O segundo presidente da Soka Gakkai, Josei Toda, fez sua histórica declaração pela abolição das armas nucleares em 8 de setembro de 1957, numa reunião com 50 mil membros da Divisão dos Jovens da Soka Gakkai no Estádio Mitsuzawa, em Yokohama, Japão. Em seu discurso, ele declarou: “Ainda que neste momento cresça no mundo inteiro o movimento para abolir os testes nucleares, meu desejo é atacar o mal pela raiz: cortar as garras ocultas na sua origem”. Josei Toda denunciava as armas atômicas como a materialização do mal absoluto e acreditava que seu uso devia ser condenado, não do ponto de vista da ideologia, da nacionalidade ou da identidade étnica, mas da dimensão universal da humanidade e do nosso inviolável direito de viver. Seu apelo aos jovens para que abraçassem este desafio é hoje o ponto de partida para as atividades globais da SGI em prol da paz.

Para ler a declaração, visite:  
<[www.joseitoda.org/vision/declaration/](http://www.joseitoda.org/vision/declaration/)>

aos imensos sacrifícios que seriam exigidos da maior parte da humanidade.

Daí a sua afirmação de que seu objetivo era “cortar as garras ocultas na sua origem”<sup>48</sup> — isto é, confrontar e superar o pensamento inerente que justifica a posse de armas nucleares.

O confronto nuclear entre os Estados Unidos e a União Soviética foi comparado na época a “dois escorpiões em uma garrafa”.<sup>49</sup> O que esqueceram é que muitos outros países, além dos Estados nucleares, estavam também na mesma garrafa, junto com seus vários bilhões de habitantes. Do mesmo modo, o confronto entre picar e ser picado ofuscou a crítica realidade à natureza apocalíptica das armas nucleares, o que as torna fundamentalmente diferentes de todas as outras.

Ao afirmar que “nós, cidadãos do mundo, temos o direito inviolável à vida”,<sup>50</sup> o Sr. Toda buscava dissipar as ilusões em torno da teoria da dissuasão nuclear. Declarou que era inadmissível que qualquer país ameaçasse este direito e que o uso de armas nucleares jamais seria justificável.

A teoria da dissuasão trunca o leque de pensamento das pessoas. Os defensores acreditam simplesmente na eficácia da dissuasão e se recusam a considerar o resultado que, sem a dissuasão, seria catastrófico. Da mesma forma, eles se recusam a enfrentar a realidade de que, independentemente de dissuasão, uma detonação atômica por acidente ou uma pane é sempre uma possibilidade.

Essa incapacidade de pensar com lógica afeta igualmente aqueles sob a ampla dissuasão do chamado guarda-chuva nuclear.

A verdade é que cada uma das varetas que compõem este guarda-chuva nuclear é uma espada de Dâmocles. Esta doutrina desumana de segurança nacional baseia-se no desejo de causar o sofrimento de Hiroshima e

## “Nós, cidadãos do mundo, temos o direito inviolável à vida”

Josei Toda

Nagasaki ao povo de outro país. Se o botão de lançamento fosse apertado e um conflito nuclear comesse, não apenas as partes envolvidas, mas os países vizinhos e a Terra como um todo sofreriam danos irreparáveis.

A lógica da dissuasão coloca a segurança do próprio país de um lado da balança da justiça, do outro está a vida de numerosos cidadãos comuns e da ecologia de todo o planeta.

Se considerarmos isso no contexto da discussão de Amartya Sen sobre justiça a qual me referi, as políticas de segurança que tratam de impedir um ataque nuclear de outro país poderiam ser consideradas correspondentes à forma *niti* de justiça, com ênfase na legitimidade do objetivo. À luz da concepção *nyaya* de justiça centrada na legitimidade do resultado — isto é, o que realmente acontece com as pessoas e sua vida —, fica claro que não há maneira de justificar doutrinas de segurança apoiadas em armas nucleares com base na perda de milhões de vidas e na destruição da ecologia global.

O direito de autodefesa contra ataques militares é reconhecido na Carta das Nações Unidas e a validade de uma perspectiva *niti* sobre a segurança não podem, perante o direito internacional, ser ignorados. Mas contesto o pensamento que aceita as armas nucleares como uma necessidade contínua.

Ao longo da história, a ideia de dissuasão tem sido usada para justificar a posse e o desenvolvimento de armas cada vez mais novas e mais letais. Mas, como demonstra a história da humanidade de guerra quase incessante, a



**PATRIMÔNIO MUNDIAL** Memorial da Paz de Hiroshima ou Cúpula da Bomba Atômica, Japão

dissuasão falhou e o conflito tem sido o resultado em inúmeras ocasiões. Como podemos estar confiantes de que a dissuasão, que falhou tanto no passado, será infalível no caso das armas atômicas?

Em seu recente trabalho *Five Myths About Nuclear Weapons* [Cinco Mitos sobre Armas Nucleares], Ward Wilson persegue esta questão. Wilson avalia a história da humanidade de 6 mil anos de guerra e violência de grupo. Analisar apenas os sessenta anos após o fim da Segunda Guerra Mundial é, em suas palavras, a afirmação de uma tendência baseada em 1% dos dados. Ele comenta: “Sobretudo quando se está lidando com um fenômeno aparentemente enraizado nas profundezas da natureza humana, parece insensatez”.<sup>51</sup> E afirma que a devida consideração desta questão requer o tipo de perspectiva milenar desenvolvida por Arnold J. Toynbee que leva em conta a ascensão e a queda de múltiplas civilizações.

De fato, é exatamente por ser a dissuasão algo enraizado na natureza humana que precisamos enfrentar os grandes riscos que estão escondidos em seu íntimo.

O conceito de dignidade inerente à vida tem sido desenvolvido no budismo pela profunda análise da natureza humana. Creio ser relevante neste aspecto. Citarei as seguintes palavras de Shakyamuni, atribuídas a ele quando estava mediando um conflito entre duas tribos sobre os direitos à água.

Vejam aqueles a lutar, prontos para matar! O medo surge ao pegar em armas e se preparar para atacar.<sup>52</sup>

É notório como Shakyamuni observa o funcionamento do coração daqueles que enfrentam um confronto hostil: eles não pegam em armas com medo do oponente, mas se enchem de medo no momento em que pegam as armas. Embora sentissem raiva do



**HARMONIA SGI promove exposição por um mundo sem armas nucleares durante conferência religiosa (Estados Unidos, maio 2014)**

adversário tentando pegar sua água, não estavam possuídos pelo medo. Mas no instante em que se armaram, preparados para atingir mortalmente seus adversários, o coração deles ficou tomado de pavor.

O antigo editor do *Washington Post*, David Emanuel Hoffman, descreveu com eloquência como essa psicologia conduzida pelo medo quase produziu um cenário de verdadeiro pesadelo durante a Guerra Fria.<sup>53</sup>

No início dos anos 1980, líderes soviéticos começaram a elaborar planos para um sistema que funcionaria mesmo depois de um ataque nuclear ter destruído a liderança política do país, bem como a cadeia de comando militar regular. Mais que qualquer outra coisa, eles temiam perder a capacidade de retaliar. Pensaram num sistema totalmente automático, computadorizado, que garantiria um ataque de retaliação em qualquer circunstância. Por fim, no entanto, o projeto foi modificado porque os militares rejeitaram a ideia de disparar um ataque atômico sem o envolvimento de qualquer elemento humano. Em vez disso,

o poder de decisão deveria ser transferido para oficiais sobreviventes em profundas camadas.

Em outras palavras, um sistema de retaliação nuclear que não poderia ser interrompido por uma ação humana estava sendo planejado nos últimos anos da Guerra Fria. Embora nunca tenha ultrapassado a fase conceitual, esta última forma de dissuasão expressa o medo profundamente arraigado que surge contra a utilização das armas aniquiladoras.

Em outubro passado, foi celebrado o trigésimo aniversário da Cúpula de Reykjavik, acontecimento que iniciou o processo que levou ao fim da Guerra Fria.

Quando o secretário-geral da União Soviética Mikhail Gorbachev propôs uma reunião com o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan (1911–2004), na capital da Islândia, a meio caminho entre Washington e Moscou, lembrou-se do desastre de Chernobyl, ocorrido seis meses antes e que o deixou seriamente preocupado com os riscos da guerra nuclear. O presidente Reagan considerou inaceitável a ideia de manter a paz com a ameaça de massacre em massa pela guerra atômica.

A preocupação dos líderes com essas armas cresceu, suas discussões avançaram a ponto de ficarem prestes a concordar com sua completa eliminação. Embora, no final, não tenham chegado a esse acordo, no ano seguinte concluíram o Tratado das Forças Nucleares de Alcance Intermediário (INF), suscitando o processo de desarmamento atômico.

Este é o momento em que os Estados Unidos e a Rússia devem retomar o espírito de Reykjavik em encontrar ponto comum para a paz do mundo.

A conferência da ONU, que negociará um tratado para a proibição e consequente

abolição das armas nucleares, programada para começar em março, inclui na sua agenda medidas para reduzir e eliminar o risco de detonação dessas armas em acidente ou erro.<sup>54</sup> Os Estados Unidos e a Rússia enfrentaram repetidamente tais riscos durante toda a Guerra Fria e até mesmo depois dela. Peço aos líderes destes dois países que dialoguem para que retirem as suas armas do alerta máximo e que façam progressos significativos na redução das armas atômicas.

### **Proibição das armas nucleares: o legado de Hiroshima e Nagasaki**

Minha próxima proposta para a proibição e abolição das armas desumanas é que o Japão, reconhecendo sua responsabilidade e missão histórica como o único país do mundo a ter sofrido um ataque nuclear em tempo de guerra, trabalhe diligentemente para conquistar a maior participação possível nas próximas negociações, incluindo a dos Estados que possuem ou recorrem a essas armas.

Nos últimos anos, as cidades de Hiroshima e Nagasaki contribuíram para levar a questão das armas nucleares ao conhecimento público, organizando uma série de reuniões diplomáticas e recebendo as visitas de dignitários estrangeiros.

Durante a 8ª Reunião Ministerial da Iniciativa de Não Proliferação e Desarmamento (NPDI), realizada em Hiroshima em abril de 2014, os ministros das relações exteriores dos países dependentes de centrais nucleares, incluindo a Austrália, a Alemanha e os Países Baixos, ouviram o relato dos *hibakusha* (sobreviventes da bomba atômica). A reunião emitiu uma declaração conjunta salientando que a discussão em curso sobre o impacto humanitário das armas atômicas deve ser “um ca-



**CULTURA DE PAZ** No Memorial Makiguchi de Tóquio, Dr. Daisaku Ikeda encontra-se pela nona vez com Mikhail Gorbachev (Japão, jun. 2007)

talisador para uma ação global unida em prol de um mundo livre de armas nucleares”.<sup>55</sup>

Em abril de 2016, a Reunião dos Ministros das Relações Exteriores do G7 foi realizada em Hiroshima. Nessa ocasião, os ministros das relações exteriores dos Estados Unidos, do Reino Unido e da França — Estados com armas nucleares — e da Alemanha, da Itália, do Canadá e do Japão — Estados dependentes de centrais nucleares — visitaram o Memorial da Paz de Hiroshima. A reunião aprovou a Declaração de Hiroshima sobre Redução e Não Proliferação de Armas, que conclui assim: “Compartilhamos o profundo desejo do povo de Hiroshima e Nagasaki de que as armas nucleares jamais voltem a ser usadas”.<sup>56</sup>

Por fim, em maio de 2016, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, foi o primeiro presidente americano a visitar Hiroshima. Ele afirmou: “Entre as nações, como a minha própria, que possuem arsenais nucleares, precisamos ter a coragem de escapar à lógica do medo e almejar um mundo sem eles”.<sup>57</sup>

“É crucial garantir a maior participação possível de Estados, para identificar pontos de concordância entre as preocupações de segurança nacional e de defesa e a busca de um mundo sem armas atômicas”

O Japão deve incentivar os Estados que participaram nessas discussões em Hiroshima e Nagasaki e em tantas outras a participar nas próximas negociações multilaterais sobre o desarmamento nuclear.

É possível que as negociações enfrentem os obstáculos encontrados pela Conferência de Revisão 2015 do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), onde a falha em construir uma ponte entre os Estados detentores de armas nucleares e os não detentores tornaram impossível a adoção de um documento final consensual.

Contudo, todos os Estados certamente reconhecem a importância fundamental do TNP e se preocupam com as consequências catastróficas dessas armas. Esta deve ser a base sobre a qual os Estados encontrem um ponto comum e reformulem o debate sobre armas atômicas.

Há importantes lições a se tirar das negociações que conduziram ao Acordo de Paris, ponto decisivo no esforço ao combate às alterações climáticas. O que tornou o acordo possível foi o fato de se concentrarem no objetivo comum de um futuro com baixa emissão de carbono, resultado desejável para todos os

Estados, e não na questão da responsabilidade por ter causado mudanças climáticas ou reagido a ela.

Uma abordagem semelhante poderia ser adotada para as armas nucleares. O trabalho de estabelecer um tratado que proíba a produção, transferência, ameaça de uso ou uso dessas armas deve ser visto como iniciativa global, com o objetivo de evitar que qualquer país viva os horrores da guerra nuclear. Devem se esforçar diligentemente para encontrar a maneira de chegar a um consenso deste objetivo.

Como consta do seu preâmbulo, a adoção do TNP foi motivada pela consciência da “devastação que uma guerra nuclear infligiria a toda a humanidade” e pela necessidade de “salvaguardar a segurança dos povos”.<sup>58</sup>

O posicionamento fundamental das próximas conferências é, portanto, plenamente coerente com o TNP. Um tratado que proíba armas nucleares não substituiria o TNP, mas o reforçaria como aplicação do artigo VI, que se compromete a entabular negociações de boa-fé para o completo desarmamento nuclear.

É crucial garantir a maior participação possível de Estados, para identificar pontos de concordância entre as preocupações de segurança nacional e de defesa e a busca de um mundo sem armas atômicas.

A primeira Comissão Preparatória da Conferência de Revisão do TNP de 2020 está programada para acontecer em Viena, em maio. Além de se concentrar na obrigação de realizar o desarmamento nuclear estipulada no artigo VI, deve haver um esforço para reconhecer mutuamente as preocupações de segurança de todos os Estados e trocar pontos de vista sobre as medidas desejadas por todos os Estados para tratar essas preocupações. É



de grande benefício que essas deliberações sustentem as negociações sobre um tratado, em junho, em Nova York, para proibir o uso de armas nucleares. Assegurar as ligações com as deliberações da Conferência de Revisão do TNP e transpor a lacuna entre as diferentes perspectivas ajudará a tornar as negociações verdadeiramente construtivas.

A ONU enfrenta a crítica questão das armas nucleares desde a sua fundação há mais de setenta anos. As complexidades que rodeiam as negociações sobre a sua proibição não devem ser subestimadas. No entanto, estou certo de que, se os Estados continuarem a persistir seriamente no diálogo, será possível construir uma onda irrefreável para um mundo sem armas desumanas.

Até 2018, a ONU realizará uma conferência de alto nível sobre o desarmamento. A adoção de um tratado que proíba as armas nucleares aumentaria as condições para iniciar um processo de grandes reduções dos atuais estoques nucleares, levando à sua subsequente eliminação.

### **Uma declaração popular para um mundo sem armas atômicas**

Minha terceira proposta sobre a proibição e a abolição das armas nucleares é que os agentes principais da sociedade civil gerem declarações dirigidas às próximas negociações. Juntos, constituirão uma declaração popular para um mundo sem armas atômicas e servirão de base para um tratado que as proíba.

A sociedade civil desempenha papel vital para ilustrar e dar um rosto humano a problemas que são profundamente relevantes para todas as pessoas além das fronteiras nacionais, convencidas de que sem a sua participação as questões seriam tratadas no contexto

### **TRATADO DE NÃO PROLIFERAÇÃO E ARTIGO VI**

O Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP) é um tratado internacional com o objetivo de impedir a disseminação de armas nucleares e de tecnologia de armamentos, promover a cooperação no uso pacífico da energia atômica e estimular o desarmamento nuclear e o desarmamento geral e completo. O tratado representa o único compromisso vinculativo de um tratado multilateral com a meta do desarmamento dos Estados possuidores de armas nucleares. Entrou em vigor em 1970 e foi prorrogado indefinidamente em 1995. Atualmente, um total de 191 Estados aderiram ao TNP, incluindo cinco Estados que mantêm essas armas, o que significa que mais países ratificaram o TNP do que qualquer outro acordo de limitação de armas e de desarmamento.

O artigo VI do tratado estabelece que “Cada Parte deste Tratado se compromete a entabular, de boa-fé, negociações sobre medidas efetivas para a cessação, em data próxima, da corrida armamentista nuclear e para o desarmamento nuclear, e sobre um tratado de desarmamento geral e completo, sob estrito e eficaz controle internacional”.

da política nacional. Isto pode incentivar uma ação conjunta em escala global.

O Manifesto de Russell-Einstein, publicado por um grupo de renomados cientistas do mundo em 9 de julho de 1955, deu um exemplo pioneiro para destacar os perigos das armas nucleares:

Não falamos nesta ocasião como membros desta ou daquela nação (...).

SHUTTERSTOCK



**BRADO** Porta-voz dirige-se à multidão em reunião contra armas nucleares como parte de evento organizado pela Global Zero em Washington, DC (Estados Unidos, abr. 2016)

Apelamos como seres humanos aos seres humanos: lembrem-se de sua humanidade, e esqueçam o resto.<sup>59</sup>

Como essas palavras demonstram, o manifesto é uma expressão do sentimento humano comum e não a lógica das nações ou Estados. Os leitores são incentivados a enxergar as armas nucleares como um perigo à “vida delas e a de seus filhos e netos”,<sup>60</sup> e não num contexto nacional.

O notório parecer consultivo sobre a ameaça ou o uso de armas nucleares emitido pela Corte Internacional de Justiça (CIJ) em julho de 1996 foi o resultado de uma poderosa campanha da sociedade civil com o Projeto do Tribunal Mundial. “Declarações de consciência pública”, por cerca de 4 milhões de pessoas em 40 idiomas, foram apresentadas à CIJ no início das audiências.

A CIJ concluiu que a ameaça ou o uso de armas aniquiladoras é geralmente incompatível com o direito internacional e afirmou claramente que os Estados têm a obrigação de prosseguir e concluir as negociações que levem ao completo desarmamento nuclear.

## O momento da sociedade civil

Hoje, mais de duas décadas depois, será em breve convocada uma conferência da ONU para negociar um tratado que proíba as armas nucleares. Agora é o momento da sociedade civil expressar um forte apoio à conferência e criar ímpeto para estabelecer o tratado como uma forma de lei internacional do povo para o povo.

Esta conferência se tornou uma necessidade real não apenas pelos esforços diplomáticos dos países que se empenham pela resolução da questão das armas nucleares, mas também pelo trabalho de indivíduos e grupos de vários campos, incluindo *hibakusha* de Hiroshima, Nagasaki e em todo o mundo, médicos, advogados, educadores e pessoas de fé.

Indivíduos e grupos podem entrar em ação de várias formas, tais como a emissão de declarações, que seriam parte de uma reivindicação das pessoas por um mundo sem armas nucleares, ou realizar eventos populares sobre a importância do tratado, a fim de aumentar o apoio público. Cada uma dessas ações assegurará “a participação e contribuição das organizações internacionais e dos representantes da sociedade civil”,<sup>61</sup> como solicita a resolução da ONU que determinou a conferência, sustentando desse modo um possível tratado. Isso proporcionará um apoio inestimável que aumenta a eficácia e a universalidade do tratado, demonstrando de forma tangível a natureza profundamente comprometida do sentimento popular, inclusive nos Estados com armas atômicas e dependentes delas.

### **A paz dá sentido à vida**

Uma multidão de vozes clama por esta ação. Por exemplo, mais de 7.200 cidades em 162 países e territórios — incluindo Estados com armas nucleares e dependentes de energia nuclear — são membros do Mayors for Peace, organismo internacional que reivindica a abolição total das armas nucleares.

Novamente eu me recordo das palavras do Dr. Pérez Esquivel, que uma vez ofereceu à cidade de Hiroshima uma escultura de bronze de sua própria fabricação. Ele enfatizou em nosso diálogo que “a paz é a dinâmica que dá sentido e vida à humanidade”.<sup>62</sup>

Um regime de segurança que depende de armas nucleares para sua manutenção pode exibir esse tipo de dinâmica? Tenho a certeza de que a resposta seja não; isto requer, mais propriamente, a paz que surge quando as pessoas se reúnem além de todas as diferenças em prol de um compromisso comum com a dignidade da vida.

A SGI lançou a Década do Povo pela Abolição Nuclear em 2007 como parte do nosso movimento de paz baseado na declaração pela abolição das armas nucleares, de 1957, do presidente Josei Toda.

*Tudo o que Você Valoriza — Por um Mundo Livre de Armas Nucleares*, uma exposição lançada em colaboração com a Campanha Internacional pela Abolição das Armas Nucleares (Ican), foi exibida em todo o mundo. Também reunimos mais de 5 milhões de assinaturas em 2014 em apoio ao *Nuclear Zero*, uma campanha global que luta por ações de boa-fé para o desarmamento atômico.

Participamos na elaboração de declarações conjuntas apoiadas pelas Comunidades Religiosas Preocupadas com as Consequências Humanitárias das Armas Nucleares, que foram



**JOVENS** da Divisão dos Universitários da Coreia do Sul realizam exposição pela paz e promovem abaixo assinado pela abolição das armas nucleares na Universidade Sejong, em Seul (jun. 2014)

apresentadas, no ano passado, ao Grupo de Trabalho Aberto (GTA) sobre desarmamento nuclear e a Primeira Comissão da Assembleia Geral da ONU, que trata do desarmamento e segurança internacional.

Em agosto de 2015, a SGI contribuiu para a realização da Cúpula Internacional da Juventude pela Abolição Nuclear em Hiroshima. Uma rede internacional de jovens dedicada à abolição das armas atômicas, Amplify Network, foi criada em 2016 para levar adiante o trabalho da cúpula.

Neste verão, a SGI realizará uma cúpula da juventude em prol da renúncia à guerra na província de Kanagawa, local da declaração antinuclear de Josei Toda, para comemorar seu sexagésimo aniversário.

A convicção que sustentou nossos esforços ao longo da última década foi expressa num documento de trabalho que apresentamos ao GTA em maio de 2016, como registro oficial da ONU:

[As armas nucleares] minam o sentido da vida e impedem a nossa capacidade de olhar para o futuro com esperança (...). No cerne da questão das armas nucleares está a extrema negação do outro — da sua humanidade e do seu direito igualitário à felicidade e à vida (...). O desafio do desarmamento atômico não é algo que diz respeito apenas aos Estados detentores de armas nucleares; deve ser uma iniciativa verdadeiramente global que envolva todos os Estados e integre plenamente a sociedade civil.<sup>63</sup>

Para que as negociações das Nações Unidas, a partir de março, sejam um fórum para esta iniciativa verdadeiramente global, faremos o máximo possível, trabalhando com indivíduos e grupos afins, para reunir e intensificar as vozes da sociedade civil.

### **Restabelecer a esperança na vida dos refugiados**

O segundo tema essencial que gostaria de destacar é a necessidade de implementar programas de ajuda humanitária que permita aos refugiados viver com esperança.

Estima-se que o número de pessoas forçadas a deixar sua casa, devido a conflitos armados ou ao medo de perseguição, tem crescido rapidamente, chegando aproximadamente a 65,3 milhões.<sup>64</sup> Em especial, como a guerra civil na Síria avança pelo sexto ano, a crise humanitária como consequência se tornou extremamente grave. Até esta data, mais de 300 mil sírios foram mortos e mais da metade da população deslocada por medo e pobreza; cerca de 4,8 milhões de pessoas fugiram do país buscando asilo.<sup>65</sup>

O secretário-geral António Guterres, após a sua nomeação oficial na Assembleia Geral em outubro de 2016, declarou que a sua pri-

“É essencial tentarmos nos colocar no lugar de pessoas cuja vida foi desalojada abruptamente pelo conflito”

meira prioridade no mandato estaria relacionada com a paz. Ele observou, “O aumento da diplomacia para a paz é o melhor caminho a seguir. Esta atitude, ao mesmo tempo, nos ajuda a limitar o sofrimento humano em várias dimensões”.<sup>66</sup>

Em 30 de dezembro do ano passado, um acordo de cessar-fogo entrou em vigor, aprovado pelo Conselho de Segurança da ONU com uma resolução apoiando o cessar-fogo e pedindo que todos os envolvidos o respeitassem. No entanto, ainda é muito cedo para dizer se a guerra civil chegará ao fim.

Novas negociações de paz estão programadas para fevereiro sob os amparos da ONU. Desejo fervorosamente que, sob a liderança do secretário-geral Guterres, durante muitos anos Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados, a organização internacional e as nações envolvidas desenvolvam juntas uma maneira de pôr fim ao conflito o mais rápido possível.

Paralelamente a estes esforços diplomáticos, outra prioridade urgente que Guterres reconhece é que todos os países assumam “total solidariedade com os necessitados de proteção que estão fugindo de conflitos horríveis”.<sup>67</sup>

Essa solidariedade foi um dos principais focos da Cúpula Humanitária Mundial de Istambul, Turquia, em maio do ano passado. Como foi destacado na cerimônia de abertu-

## CÚPULA INTERNACIONAL DA JUVENTUDE PELA ABOLIÇÃO NUCLEAR/EXPANSÃO

A Cúpula Internacional da Juventude para a Abolição Nuclear ocorreu em Hiroshima, de 28 a 30 de agosto de 2015, com a participação de 30 jovens ativistas de mais de 20 países, incluindo Estados com e sem armas nucleares, para discutir estratégias futuras a fim de erradicar as armas atômicas. A cúpula resultou na declaração de um Compromisso da Juventude, que foi apresentado ao enviado especial do secretário-geral da ONU para a juventude. Os membros do comitê diretivo incluíam representantes da Campanha Internacional pela Abolição das Armas Nucleares (Ican), *Mines Action Canada*, Fundação para a Paz na Era Nuclear, PAX, Liga Internacional de Mulheres pela Paz e Liberdade e SGI.

Em 2016, foi criada a Amplify Network, uma rede internacional de jovens líderes dedicada à abolição das armas atômicas. Sua aspiração central é amplificar o apelo à completa abolição atômica, ampliando a conscientização e ações em comunidades e países pelo mundo. Dá suporte às ações dos membros, provendo informações e recursos para os vários problemas que se apresentam e permitindo que os jovens que entram em ação em todo o mundo estejam conectados.

Para saber mais, visite:  
<[www.amplifyyouth.org](http://www.amplifyyouth.org)>

ra, é essencial tentarmos nos colocar no lugar de pessoas cuja vida foi desalojada abruptamente pelo conflito e que, dia após dia, ficam diante de escolhas impossíveis: sob a cons-

tante ameaça de ataques aéreos, você escolhe permanecer onde vive ou foge do perigo e faz sua família percorrer grandes distâncias em busca de refúgio? Consciente dos riscos de morrer numa tentativa de travessia marítima, mantendo a menor esperança de uma vida melhor, você vai em busca de um barco ou fica onde está? Quando seus filhos ficam doentes durante a fuga, você usa seus escassos recursos para o remédio ou para a comida para toda a família?

Devemos nos lembrar que essas pessoas que vivem com extrema incerteza diante de circunstâncias desesperadoras são nossos semelhantes, não são diferentes de nós. Elas apenas nasceram em diferentes países e têm diferentes origens e histórias de vida.

Na cúpula, que reuniu um grande número de participantes de todos os setores, incluindo a sociedade civil, afirmou-se a importância de prosseguir com as agendas humanitárias e de desenvolvimento de uma forma coordenada e abrangente, bem como de reforçar a resiliência das comunidades de refugiados e de acolhimento.

O aumento da capacidade de resiliência é o ponto central da exposição *Restoring Our Humanity* [Restabelecer nossa Humanidade], produzida e apresentada pela primeira vez na Cúpula de Istambul. Ao organizar esta exposição, a SGI procurou transmitir a mensagem de que o fortalecimento da resiliência é um elemento-chave na construção de um mundo onde ninguém seja deixado para trás.

Como forma de alcançar esse objetivo, gostaria de propor que as Nações Unidas tomem a iniciativa de desenvolver uma nova estrutura de ajuda que seja uma aliança para resolver os desafios humanitários e proteger a dignidade humana. Isso permitiria que as pessoas deslocadas à força trabalhassem em

## RESTABELECEMOS NOSSA HUMANIDADE

A exposição *Restabelecer nossa Humanidade*, realizada em conjunto pela SGI e pela *Asian Disaster Reduction and Response Network* [Rede de Redução e Resposta a Desastres da Ásia], foi produzida em resposta à primeira Cúpula Humanitária Mundial (WHS) que ocorreu em Istambul, Turquia, em maio de 2016. A cúpula foi organizada para tratar das crises humanitárias que resultam, principalmente, de conflitos e catástrofes. Com a crença de que as ações e a conscientização de cada indivíduo podem fazer a diferença, criou-se a exposição com 20 painéis para incentivar os espectadores a pensar sobre o que podem fazer individualmente, na comunidade e globalmente para responder aos desafios humanitários coletivos que o mundo enfrenta. A exposição convida os telespectadores a reafirmar seu compromisso com a humanidade e a trabalhar juntos rumo a soluções humanísticas, a partir de seu ambiente imediato. Ela reflete a contribuição de pessoas na linha de frente de crises humanitárias, como socorristas, em comunidades afetadas por desastres e refugiados.

campos que contribuíssem para aumentar a resiliência e promover a realização dos ODS nas comunidades de acolhimento.

Uma pesquisa mais recente mostra que 86% dos refugiados que recebem apoio do Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur) estão sendo hospedados em países em desenvolvimento localizados perto de zonas de con-

flicto.<sup>68</sup> Esses países, que já enfrentam vários desafios relacionados aos ODS, como a pobreza, a saúde e o saneamento, agora têm de atender a chegada de refugiados. Conforme a Cúpula Humanitária do ano passado, é preciso proporcionar apoio integrado às áreas de desenvolvimento e de ajuda humanitária.

Um projeto que o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) está adotando na Etiópia é um bom modelo. Desde o ano passado, a Etiópia, que aceitou mais de 730 mil pessoas afetadas pela guerra de países vizinhos, vem sofrendo sua pior seca em mais de trinta anos.<sup>69</sup> Enquanto contribui para melhorar a gestão local dos recursos naturais e apoia a reabilitação das infraestruturas comunitárias, o projeto conseguiu reduzir as tensões entre os refugiados e as populações locais com esforços para promover a coexistência pacífica.

Diante do crescimento incessante do tamanho das populações de refugiados, é evidente que a estabilidade e o desenvolvimento das sociedades de acolhimento são essenciais para que as pessoas deslocadas possam desfrutar qualquer estabilidade na vida.

Quanto a enfrentar os desafios relacionados aos ODS, os países desenvolvidos e em desenvolvimento têm muito em comum. Em ambos os casos, as iniciativas para promover a agricultura sustentável e prevenir a escassez de alimentos, consolidar infraestrutura de energia renovável e fornecer serviços médicos, de saúde e de saneamento podem criar novas oportunidades de trabalho para grande número de pessoas.

No ano passado, o diretor-geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT), Guy Ryder, pediu um *New Deal* [Novo Acordo] para os refugiados, reiterando a importância de oferecer oportunidades de emprego para

**ESPERANÇA** António Guterres, secretário-geral da ONU, assume mandato de cinco anos a partir de 1º de janeiro de 2017. O juramento foi ministrado por Peter Thomson, presidente da Assembleia Geral, na Carta das Nações Unidas. Sr. Guterres dirige-se à Assembleia após expressar seu juramento



peças forçadas a deixar sua casa.<sup>70</sup> Seria necessária a reunião de iniciativas humanitárias e de desenvolvimento, com a cooperação ativa das Nações Unidas e dos Estados-membros, para criar programas de formação profissional e de aquisição de competências relacionadas aos ODS para refugiados e requerentes de asilo.

O trabalho é, naturalmente, a melhor forma de manter a própria subsistência. Dá sentido à vida e é um esforço para registrar provas positivas da existência dessas pessoas na sociedade.

O ex-presidente da Fundação para a Paz de Sydney, Dr. Stuart Rees, coautor de um diálogo que recentemente publiquei, afirma que a garantia de emprego é preponderante na realização da justiça social. Em nosso diálogo, ele afirmou sua convicção de que, à medida que um número crescente de pessoas perde o emprego, “está sendo negado a elas o profundo sentimento humano de autoestima que vem

do trabalho, seja no sentido de receber salário, ter a satisfação de conquistar algo, ou dar uma contribuição para a sociedade”.<sup>71</sup> Afirmou ainda que a perda do emprego representa uma ameaça à própria dignidade humana.

Em nosso diálogo, revisamos o impacto dos programas do *New Deal* que o presidente Franklin D. Roosevelt (1882–1945) lançou em resposta ao desemprego em massa desencadeado pela Grande Depressão, que começou em 1929. Conforme o *New Deal*, além da construção de barragens e outros projetos de infraestrutura, criou-se o Corpo Civil de Conservação para manter e melhorar parques e florestas nacionais. Mais de 3 milhões de jovens participaram do programa e plantaram mais de 2 bilhões de árvores. Com estas atividades, os participantes recuperaram sua autoestima, a satisfação de ser útil e contribuir para outras pessoas e a sociedade. Além disso, até hoje esses parques e florestas nacionais preservam a diversidade biológica



**REFUGIADOS** Fugindo da impiedosa guerra, migrantes sírios chegam da Turquia navegando pelo gélido mar perto de Molyvos, Lesbos, num bote superlotado. (Grécia, out. 2015)

e a integridade ecológica, e desempenham importante função na absorção de gases de efeito estufa.

Graças a exemplos tão bem-sucedidos como este, acredito que é hora de criar uma estrutura que amplie as oportunidades de emprego para os refugiados e concretize a realização dos ODS.

Por terem vivido grandes dificuldades e sofrimentos, as pessoas deslocadas à força devem saber se relacionar e incentivar as pessoas em circunstâncias adversas e desafiadoras. Se conseguem trabalhos que promovam projetos dos ODS nos países que os acolheram, os refugiados poderão contribuir para as iniciativas de reconstrução nos seus países de origem ao regressarem após o fim do conflito armado.

Na Cúpula das Nações Unidas para Refugiados e Migrantes, realizada em setembro do ano passado, ficou declarado que os acordos globais sobre refugiados e migrantes deveriam ser adotados em 2018. Sem solução para a questão dos refugiados, uma das

mais graves crises humanitárias da história, a paz e a estabilidade permanecerão inalcançáveis, assim como o verdadeiro progresso rumo à realização dos ODS com sua visão de um mundo no qual ninguém seja deixado para trás.

O governo japonês concedeu apoio financeiro ao projeto do Pnud na Etiópia que mencionei anteriormente, portanto caberia ao Japão intensificar seu apoio às atividades que integram os setores humanitário e de desenvolvimento, como a ONU defende.

Na Cúpula de Líderes sobre a Crise Global dos Refugiados, organizada pelo então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, no dia seguinte à Cúpula das Nações Unidas em setembro passado, o governo japonês se comprometeu a fornecer assistência educacional e treinamento profissional a aproximadamente um milhão de pessoas afetadas por conflitos. Além disso, o Japão vai receber até 150 estudantes sírios nos próximos cinco anos. Espero sinceramente que, no quadro destas iniciativas de ajuda, o Japão assumira a liderança na promoção de uma parceria para prestar assistência humanitária e proteger a dignidade humana. E reafirmo que uma forma de facilitar essas iniciativas seja proporcionar às pessoas deslocadas à força oportunidades de adquirir habilidades técnicas e treinamento de trabalho relacionados aos ODS.

A este respeito, gostaria de pedir maior apoio aos programas, pelos quais as Nações Unidas e as universidades mundiais trabalham em conjunto para criar oportunidades educacionais para os jovens refugiados.

O Impacto Acadêmico da ONU, lançado há sete anos com o objetivo de unir as universidades do mundo com a ONU, tornou-se agora uma rede de mais de mil instituições de ensino superior em mais de 120 países.



Coletivamente, essas universidades pesquisam questões que abrangem quase todas as preocupações globais e representam um recurso singular que pode ser empregado em benefício da humanidade.

As atividades do Toynbee Hall ao ajudar pessoas que lutam contra a pobreza e as atividades educacionais da Hull House que restabeleciam a dignidade dos imigrantes carentes — a que antes me referi — foram desenvolvidas pelos membros das comunidades universitárias.

Como esses exemplos demonstram, as universidades têm o potencial de refúgio de esperança e segurança na sociedade. Neste sentido, é de grande significado que as universidades e os colégios em todo o mundo contribuam para a resolução dos desafios globais por meio de suas atividades de pesquisa. Poderiam proporcionar amplas oportunidades educacionais aos jovens refugiados, incluindo cursos de extensão e ensino a distância.

A Universidade Soka, no Japão, aderiu ao Programa de Educação Superior para Refugiados do Acnur em maio passado. Como fundadora da universidade, é um prazer dar boas-vindas àqueles que entrarão nos cursos no ano letivo de 2017.

Yusra Mardini, nadadora síria e membro da Equipe Olímpica de Refugiados que participou dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, ofereceu as seguintes palavras de incentivo a seus companheiros refugiados:

Quero mostrar que, depois da dor, após a tempestade, dias calmos chegam (...). Quero que nenhum deles desista de seus sonhos e que sigam seu coração.<sup>72</sup>

Para aqueles que foram expulsos de sua casa por conflitos e estão vivendo em um am-

### **A CÚPULA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS E MIGRANTES**

A Cúpula das Nações Unidas para Refugiados e Migrantes ocorreu em 19 de setembro de 2016, na sede da ONU em Nova York. Era crucial uma cúpula que abordasse os enormes deslocamentos de pessoas no mundo e fortalecesse o sentido de governança e, ao mesmo tempo, uma oportunidade única para criar um sistema mais responsável e confiável que responda ao grande fluxo de refugiados e migrantes.

No encontro, 193 Estados-membros assinaram a Declaração de Nova York, que inclui o compromisso de proteger os direitos humanos dos refugiados e migrantes, independentemente da situação, e melhorar a assistência humanitária e o desenvolvimento dos países mais afetados.

A Declaração também estabeleceu dois processos que culminarão na elaboração de dois acordos globais sobre refugiados e migração em 2018. O Acnur ficou encarregado de consultar os países que acolhem refugiados, os doadores, as ONGs e o setor privado, e aplicar o Quadro de Resposta Abrangente para os Refugiados (CRRF) em um acordo sobre os refugiados. Um processo separado criará padrões globais para uma migração segura, ordenada e regular, liderada pela Organização Internacional para as Migrações (OIM).

biente desconhecido, um trabalho adequado e educação são meios para recuperar a dignidade humana, ganhando esperança no futuro e um propósito na vida.

Acredito ser fundamental que medidas concretas sejam incorporadas nos acordos globais da ONU sobre refugiados e migrantes, adotadas para garantir oportunidades de trabalho e educação para pessoas deslocadas. Em última análise, a resolução da crise dos refugiados depende da nossa capacidade de permitir que as pessoas deslocadas recuperem o sentimento de segurança, esperança e dignidade.

### **Educação em direitos humanos**

A terceira área prioritária que quero discutir é a construção de uma cultura de direitos humanos.

Além do longo conflito armado e da guerra civil, outra séria ameaça que a sociedade global está vivendo é a frequente ocorrência de ataques terroristas e a ascensão do extremismo violento. Há muitos casos em que os jovens, lutando para encontrar sentido na vida, desprovidos de esperança no futuro, são atraídos para o extremismo violento.

Em novembro passado, o Instituto Toda para a Paz Global e Pesquisa Política copatrocinou uma conferência de dois dias na Eastern Mennonite University, na Virgínia, para discutir formas de prevenir a disseminação do extremismo violento.

Com um número crescente de Estados que aceitaram a ideia de que as medidas punitivas são a forma mais eficaz de prevenir a violência, os participantes questionaram a real eficácia dessa abordagem e fizeram relação com fatos por meios de uma análise de estudos de caso em diferentes regiões do mundo. Além disso, eles estudaram maneiras de promover iniciativas de consolidação da paz em áreas de tensão contínua.

A reunião também se concentrou na identificação de fatores que levam ao extremismo



**FUTURO** Crianças participam de oficina de desenho em festival familiar beneficente organizado em regiões com maior quantidade de refugiados da área de Donetsk. (Ucrânia, jun. 2016)

violento, bem como meios para sua prevenção, particularmente a importância de iniciativas abrangentes para incentivar formas de abordar problemas e diferenças sem recorrer à violência.

Acredito que o elemento-chave aqui deve ser a promoção da educação em direitos humanos.

Ano passado marcou o quinto aniversário da adoção da Declaração das Nações Unidas sobre Educação e Formação em Direitos Humanos. A SGI, como organização da sociedade civil, tem apoiado desde a fase de redação desta importante Declaração da ONU, na qual os Estados-membros das Nações Unidas pela primeira vez concordaram com as normas internacionais para a educação em direitos humanos.

Para celebrar o quinto aniversário de sua adoção, foi realizado um painel intergovernamental durante a sessão do Conselho de Direitos Humanos, em setembro, com a presença de representantes da SGI. Nas suas palavras, a Alta Comissária Adjunta para os

“A resolução da crise dos refugiados depende da nossa capacidade de permitir que as pessoas deslocadas recuperem o sentimento de segurança, esperança e dignidade”

Direitos Humanos, Kate Gilmore, observou que, embora se tenha identificado o ódio e a violência espalhados por todo o mundo, também presenciamos o lançamento de iniciativas de educação em direitos humanos que inspiram as pessoas a uma ação positiva. Ela também declarou:

A educação em direitos humanos provoca a nossa humanidade comum além de nossas diversidades individuais. Não é um “extra opcional” ou apenas outra obrigação rotineira. Ela ensina lições fundamentais.<sup>73</sup>

Estas palavras destacam o verdadeiro significado da educação em direitos humanos.

Durante a reunião, foram apresentados exemplos do impacto da educação em direitos humanos, um deles é a transformação de uma jovem estudante. Por meio de um programa de educação em direitos humanos da sua escola, ela começou a considerar profundamente a natureza de sua própria dignidade. Despertar para seu valor inato lhe permitiu encontrar força e confiança no futuro e enfrentar as circunstâncias à sua volta. Ela estava transformada: não era mais vítima, sentiu-se pronta para defender os direitos humanos dos outros.

A Sra. Gilmore descreveu a história desta jovem como um exemplo do “poder extraordinário da consciência dos direitos humanos” e enfatizou que “a educação é o acelerador dessa transformação”.<sup>74</sup> De fato, esta experiência atesta o imensurável poder e potencial que tem a educação em direitos humanos.

Para despertar este tipo de transformação positiva em cadeia, gostaria de incentivar iniciativas para uma convenção sobre educação e formação em direitos humanos, com base na Declaração que reforçaria medidas que assegurem a sua efetividade.

O septuagésimo aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) será no ano que vem. Gostaria de propor que a ocasião seja marcada pela realização de um fórum das Nações Unidas e da sociedade civil sobre a educação em direitos humanos, que reveja os resultados alcançados até agora e aprofunde as deliberações para a adoção dessa convenção.

Estima-se que atualmente exista 1,8 bilhão de jovens entre 10 e 24 anos no mundo. Se esses jovens, em vez de recorrerem ao conflito e à violência, defenderem e protegerem os valores fundamentais dos direitos humanos, estou otimista que será criado o caminho para uma “sociedade pluralista e inclusiva”<sup>76</sup> — como expresso na Declaração das Nações Unidas sobre a Educação e Formação em Direitos Humanos.

A educação em direitos humanos é a força motriz para esta conquista. Para que os Estados promovam esta educação de forma consistente e contínua, é necessário criar marcos legais e programas educacionais. Serão também necessários mecanismos de monitorização e revisão periódica desses sistemas.

Este é um dos pontos que a SGI — falando em nome da Educação em Direitos Humanos 2020 (EDH 2020), uma aliança global das



**SGI** Representantes de 48 países se reúnem na 3ª Conferência das Mulheres pela Paz (Japão, nov. 2015)

organizações da sociedade civil — enfatizou no painel intergovernamental mencionado anteriormente.

As ações internacionais para garantir os direitos humanos, que se baseiam na DUDH, ficaram concentradas inicialmente na definição de padrões, estabelecendo os direitos a serem protegidos e, em seguida, fornecendo acesso à solução em caso de violações. Hoje, a atenção se volta para a criação e firme consolidação de uma cultura de direitos humanos na sociedade, com a valorização mútua da diversidade e um compromisso comum com a proteção da dignidade de todos.

A SGI, com a colaboração de agências da ONU e outras organizações parceiras, desenvolveu uma nova exposição sobre educação em direitos humanos que será lançada a partir do final de fevereiro, em conjunto com a convocação do Conselho de Direitos Humanos. Com essas iniciativas, desejamos inspirar um novo compromisso na sociedade civil com a criação da solidariedade, em constante expansão por uma cultura dos direitos huma-

nos. Além disso, em colaboração com outras ONG, esperamos incentivar a opinião pública global para a adoção de uma convenção, juridicamente vinculativa, sobre educação e formação em direitos humanos.

### **Igualdade de gênero**

O último tema que desejo abordar é a importância da igualdade de gênero, profundamente relevante para a construção de uma cultura de direitos humanos. A igualdade de gênero é a garantia da igualdade de direitos, responsabilidades e oportunidades de mulheres e homens, meninas e meninos, sem discriminação.

O objetivo é, como enfatiza a ONU Mulheres, criar uma sociedade na qual os interesses, as necessidades e as prioridades de homens e mulheres sejam valorizados e a diversidade de diferentes grupos seja reconhecida. Um dos ODS é a conquista da igualdade de gênero em toda a Terra e a eliminação de todas as formas de discriminação até 2030.

Um número recorde de mais de 80 ministros de governo e 4.100 representantes da sociedade civil internacional participaram da sessão da Comissão da ONU sobre a Situação das Mulheres (CSW60), realizada de 14 a 24 de março do ano passado, demonstrando mais evidências do crescente reconhecimento da importância desta missão. Além de participar das sessões, a SGI realizou um evento paralelo com o tema “Liderança das Mulheres Abrindo Caminho para a Conquista dos ODS”.

Nesse evento, reafirmou-se que a desigualdade de gênero é um grande desafio para os direitos humanos e que o progresso nesse sentido contribuirá para a realização de todos os outros ODS.

A igualdade de gênero desempenharia papel essencial na Abordagem Nexus, a que me referi anteriormente, para difundir todos os ODS de forma integrada.

O reconhecimento da importância da igualdade de gênero pelos governos do mundo se deu a partir da IV Conferência Mundial sobre as Mulheres, em Pequim, em 1995. Outro momento decisivo foi a adoção da Resolução nº 1.325 sobre mulheres, paz e segurança pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, em outubro de 2000. Esta resolução pede a participação igual e plena das mulheres em todos os aspectos da manutenção e promoção da paz e da segurança e a adoção de medidas concretas nesse sentido.

O ex-subsecretário-geral das Nações Unidas, Anwarul K. Chowdhury, que desempenhou papel fundamental na adoção da Resolução nº 1.325, disse-me durante o nosso diálogo sobre o “avanço conceitual e político”<sup>77</sup> que tornou possível esta medida.

Ele explicou que este avanço se tornou uma declaração emitida pelo Conselho de Segurança da ONU em 8 de março de 2000,

Dia Internacional da Mulher. A declaração apontou a indissociável ligação entre paz e igualdade de gênero, transformando a ideia de mulheres como vítimas indefesas de guerras e conflitos num reconhecimento de que elas são “essenciais para a manutenção e promoção da paz e da segurança”.<sup>78</sup> Essa mudança de paradigma levou à adoção da Resolução nº 1.325, abrindo um caminho seguro para a maior participação das mulheres nos processos de paz.

A revisão no status de aplicação da resolução que emitiu seu relatório, em outubro de 2015, concluiu que a participação das mulheres aumenta a probabilidade de sucesso e durabilidade dos processos de paz. Assinalou também o papel fundamental das mulheres na obtenção da confiança da população local no decorrer das ações de manutenção da paz da ONU.

Os governos começaram a desenvolver e a adotar políticas pela igualdade de gênero dos ODS. É importante lembrar agora o avanço conceitual que inicialmente levou à adoção da Resolução nº 1.325: em outras palavras, reconfigurar as sociedades pelo reconhecimento de que as mulheres não são vítimas indefesas, mas participam com pontos fortes e contribuições essenciais.

A respeito desta questão, a Dra. Sarah Wider, ex-presidente da Associação Ralph Waldo Emerson e professora de Estudos sobre as Mulheres, me declarou, durante um de nossos diálogos:

— Ninguém deve ocupar uma posição secundária em relação a outro. Todos nós devemos estar sentados juntos, ouvindo, conversando e respeitando o trabalho contribuidor que cada pessoa tem para oferecer.<sup>79</sup>

Pesquisas recentes destacaram a contribuição de um grupo de delegadas na Conferência de São Francisco de 1945, onde a Carta das Nações Unidas foi redigida, escrevendo no preâmbulo “igualdade de direitos dos homens e das mulheres”.<sup>80</sup>

Muitos dos participantes da conferência pediram a inclusão de disposições claras em relação aos direitos humanos. Contudo, algumas mulheres de países latino-americanos chamaram a atenção da conferência para a inadequação da referência à “igualdade de direitos dos indivíduos”, termo inicialmente usado durante o processo de redação.

Elas tiveram sucesso não apenas em consagrar a igualdade de direitos das mulheres e dos homens no preâmbulo, mas também na inclusão da linguagem para promover e incentivar o respeito aos direitos humanos sem distinção de sexo (artigo 1) e a igualdade de direitos de homens e mulheres de participar de todo o sistema das Nações Unidas (artigo 8).

Este episódio me lembra uma história do Sutra do Lótus. O sutra, que ensina a suprema dignidade e valor de todas as pessoas, usa o exemplo concreto de uma jovem que manifesta plenamente sua dignidade inerente para ilustrar esta igualdade.

Depois que Shakyamuni termina de expor o princípio de que todas as pessoas possuem um incomparável valor interior, o bodisatva Sabedoria Acumulada, sentindo que este importante ensinamento acabara, quis voltar para casa. Mas foi convidado por Shakyamuni a ficar para debater e discutir os ensinamentos que ouviu com um bodisatva chamado Manjushri.

Manjushri conta a Sabedoria Acumulada que a filha de oito anos do rei dragão tinha manifestado um estado de vida de máxima dignidade (iluminação) e estava repleta de

“A SGI, com os jovens à frente do nosso movimento, vai trabalhar para florescer a solidariedade das pessoas, unidas pela causa da construção de uma cultura de direitos humanos”

profunda compaixão pelas outras pessoas. Sabedoria Acumulada achou isso impossível de acreditar. Então, a filha do rei dragão aparece diante dele. Ao ver a jovem dragão, é Shariputra, discípulo de Shakyamuni, quem também expressa sua dúvida.

A menina-dragão pega uma joia que o sutra explica ser a prova desse estado de vida de máxima dignidade, e oferece a Shakyamuni. Ela então se vira e pede que Shariputra testemunhe o verdadeiro brilho de sua vida. Ao ver sua maneira de ajudar os outros, Sabedoria Acumulada e Shariputra finalmente se convencem de que as palavras de Manjushri eram verdadeiras.

Acredito que esta história ilustra como uma compreensão meramente abstrata não pode levar à percepção da dignidade e do valor de todas as pessoas.

Nichiren Daishonin comenta a solicitação, que a menina-dragão fez a Shariputra para testemunhar sua iluminação, da seguinte maneira:

Quando a menina-dragão diz, “observe-me atingir o estado de buda”, Shariputra pensa que ela está se referindo apenas à



**UNIÃO** Companheiros do Canadá cantam durante intercâmbio no Centro Cultural de Mukojima (Japão, fev. 2016)

sua própria iluminação, mas é um erro. Ela está repreendendo-o: “Veja como se atinge o estado de buda”.<sup>81</sup>

Dessa forma, Daishonin salienta a ligação inseparável entre a menina-dragão perceber a plena dignidade de sua vida e Shariputra fazer o mesmo. Ao reconhecer e respeitar a suprema dignidade e o valor da menina-dragão, que representa todas as mulheres, Shariputra, que representa todos os homens, chega a perceber plenamente sua dignidade interior em sua inteireza.

Este retrato concreto da dignidade inerente à mulher dá significado e pleno poder ao princípio da dignidade de todas as pessoas. Do mesmo modo, o fato de os direitos das mulheres estarem inscritos na Carta permitiu que o espírito dos direitos humanos assumisse uma forma particularmente clara na ONU.

Tenho certeza de que o grupo de mulheres que se manifestou na conferência de São Francisco em 1945 estava agindo com a convicção de que construir uma sociedade que verdadeiramente defenda os direitos

de todas as pessoas só seria possível se os direitos das mulheres fossem reconhecidos explicitamente.

A ONU Mulheres iniciou o *HeForShe Movement* [Movimento ElesPorElas], uma ação global para incorporar o envolvimento de homens e meninos na luta pela igualdade de gênero. É inaceitável que qualquer pessoa seja privada dos seus direitos e liberdades e temos de lutar para garantir que todas as pessoas, em toda a sua diversidade, gozem dos seus direitos.

O objetivo da igualdade de gênero é abrir caminho para que todas as pessoas, independentemente do gênero, manifestem a sua dignidade interior e humanidade de forma que seja fiel ao seu próprio eu.

A SGI, com os jovens à frente do nosso movimento, vai trabalhar para florescer a solidariedade das pessoas, unidas pela causa da construção de uma cultura de direitos humanos. Tocando o sino da esperança para a humanidade, vamos continuar a lutar pela criação de uma sociedade onde ninguém seja deixado para trás.

## Notas

1. Assembleia Geral da ONU, Transforming Our World [Transformando Nosso Mundo], p. 1.
2. Toda, Declaração pela Abolição das Armas Nucleares.
3. Assembleia Geral da ONU, Transforming Our World [Transformando Nosso Mundo], p. 12.
4. Centro de Notícias da ONU, Interview [Entrevista].
5. Norman (tradução), *Theragāthā*, p. 65.
6. (Tradução de) Jaspers, *Die grossen Philosophen* [Os Grandes Filósofos], p. 142.
7. Müller (tradução), *The Sutta-nipata* [O Sutta-nipata], c. 1, n. 11, p. 1.
8. (tradução de) Nakamura, *Genshi butten o yomu* [Interpretação dos Primeiros Sutras], p. 273.
9. Chalmers (tradução), *Buddha's Teachings* [Ensinaamentos do Buda], p. 109.
10. Thurman (tradução), *Vimalakirti Nirveda Sutra* [Sutra Vimalakirti Nirveda], p. 70.
11. Watson (tradução), *The Vimalakirti Sutra* [O Sutra Vimalakirti], p. 65.
12. *Ibidem*, p. 59.
13. Watson (tradução), *The Lotus Sutra* [O Sutra do Lótus], p. 154.
14. Watson (tradução), *The Lotus Sutra* [O Sutra do Lótus], p. 180.
15. Nichiren, *The Record of the Orally Transmitted Teachings* [Registro dos Ensinaamentos Transmitidos Oralmente], p. 72.
16. Ikeda, *A Forum for Peace* [Um Fórum pela Paz], p. 195.
17. (tradução de) Ikeda e Esquivel, *La fuerza de la esperanza* [A Força da Esperança], p. 30.
18. *Ibidem*, p. 80.
19. Acnur, These 10 Refugees Will Compete at the 2016 Olympics in Rio [Estes 10 Atletas Refugiados Competirão nos Jogos Olímpicos Rio 2016]
20. Departamento de Informação Pública das Nações Unidas, 244 Million International Migrants Living Abroad Worldwide [Número de Migrantes Internacionais Chega a cerca de 244 Milhões]
21. InterAction Council, Global Ethics [Ética Global], sessão presidida por H. E. Dr. Franz Vranitzky.
22. (tradução de) Ikeda, *Sekai no shidosha to kataru* [Recordações de Meus Encontros com Grandes Personalidades], p. 72.
23. *Ibidem*, p. 67.
24. Kato, Weizsäcker, p. 59.
25. Sen, *The Idea of Justice* [A Ideia de Justiça], p. xv.
26. *Ibidem*, p. 20.
27. *Ibidem*, p. 76.
28. *Ibidem*.
29. Toynebee, *Acquaintances* [Conhecidos], p. 248-249.
30. Reutter e Ruffer, *Peace Women* [Mulheres Pacifistas], p. 49.
31. Judson, *Jane Addams no shogai* [A História de Jane Addams], p. 4.
32. Judson, *City Neighbor* [Vizinho da Cidade], p. 80.
33. Ikeda e Wahid, *The Wisdom of Tolerance* [A Sabedoria da Tolerância], p. 105.
34. *Ibidem*, p. 20.
35. Campanha do Milênio das Nações Unidas, *We the Peoples* [Nós, os povos], p. 4-13.
36. Assembleia Geral da ONU, Transforming Our World [Transformando Nosso Mundo], p. 12.
37. *Ibidem*, p. 5.
38. Watson (tradução), *The Lotus Sutra* [Sutra do Lótus], p. 328.
39. Nichiren, *The Record of the Orally Transmitted Teachings* [Registro dos Ensinaamentos Transmitidos Oralmente], p. 174.
40. Arendt, *Men in Dark Times* [Homens em Tempos Sombrios], p. 73-74.
41. Arendt, *Essays in Understanding* [Compreender], p. 23.
42. ONU Mulheres, From Where I Stand: Eisha Mohammed [Do Meu Ponto de Vista: Eisha Mohammed].
43. Nabarro, On Youth Boosting the Promotion and Implementation of the Sustainable Development Goals [Jovens que Impulsionam a Promoção e a Implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável].
44. *SIPRI Yearbook 2016* [Anuário SIPRI 2016].
45. Assembleia Geral da ONU, Taking Forward Multilateral Nuclear Disarmament Negotiations [Avanço nas Negociações Multilaterais pelo Desarmamento Nuclear], p. 2.
46. *SIPRI Yearbook 2016* [Anuário SIPRI 2016].
47. Perry, My Personal Journey at the Nuclear Brink [Minha Jornada Pessoal na Iminência Nuclear].
48. Toda, Declaração pela Abolição das Armas Nucleares.
49. Oppenheimer, Atomic Weapons and American Policy [Armas Atômicas e a Política Americana], p. 529.
50. Toda, Declaração pela Abolição das Armas Nucleares.
51. Wilson, *Five Myths About Nuclear Weapons* [Cinco Mitos sobre as Armas Nucleares], p. 96.
52. (tradução de) Nakamura, *Budda no kotoba* [Palavras do Buda], p. 203.
53. Hoffman, *The Dead Hand* [A Mão Mortal], p. 152.
54. Assembleia Geral da ONU, Taking Forward Multilateral Nuclear Disarmament Negotiations [Avanço nas Negociações Multilaterais pelo Desarmamento Nuclear], p. 3-4.
55. NPDI, Joint Statement [Declaração Conjunta], p. 7.
56. MOFA, G7 Foreign Ministers' Hiroshima Declaration [Declaração de Hiroshima dos Ministros dos Negócios Estrangeiros do G7], p. 2.
57. Obama, Remarks by President Obama and Prime Minister Abe of Japan at Hiroshima Peace Memorial [Declarações do Presidente Obama e do Primeiro Ministro Abe do Japão no Memorial da Paz de Hiroshima].
58. Assembleia Geral da ONU, Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear Weapons [Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares], p. 5.
59. Pugwash, The Russell-Einstein Manifesto [Manifesto Russell-Einstein].
60. *Ibidem*.
61. Assembleia Geral da ONU, Taking Forward Multilateral Nuclear Disarmament Negotiations [Avanço nas Negociações Multilaterais pelo Desarmamento Nuclear], p. 4.
62. (tradução de) Ikeda e Esquivel, *La fuerza de la esperanza* [A Força da Esperança], p. 198.
63. Assembleia Geral da ONU, Nuclear Weapons and Human Security [Armas Nucleares e a Segurança Humana], p. 2-3.
64. ACNUR, Global Trends: Forced Displacement in 2015 [Tendências Globais: Deslocamento Forçado 2015], p. 2.
65. ONU, Joint United Nations Statement on Syria [Declaração Conjunta das Nações Unidas sobre a Síria].
66. Centro de Notícias da ONU, Interview [Entrevista].
67. *Ibidem*.
68. ACNUR, Global Trends: Forced Displacement in 2015 [Tendências Globais: Deslocamento Forçado 2015], p. 2.
69. PNUD, Building Resilience of Refugee Hosting Communities [Construção de Resiliência em Comunidades Acolhedoras de Refugiados].
70. OIT, Global Migration Crisis [Crise Global da Migração].
71. (tradução de) Ikeda e Rees, *Heiwa no tetsugaku to shigokoro o kataru* [Diálogo sobre a Filosofia da Paz o Espírito Poético], p. 285. Veja também Rees, Rodley e Stilwell, *Beyond the Market: Alternatives to Economic Rationalism* [Além do Mercado: Alternativa ao Racionalismo Econômico], p. 222.
72. ACNUR, Syrian Refugee Eyes Rio Olympics [Refugiada Síria de Olho nas Olimpíadas do Rio].
73. EACDH, Opening Statement by Kate Gilmore [Declaração Inicial de Kate Gilmore].
74. *Ibidem*.
75. UNFPA, The Power of 1.8 Billion [O Poder de 1,8 Bilhão], p. ii.
76. Assembleia Geral da ONU, United Nations Declaration on Human Rights Education and Training [Declaração das Nações Unidas sobre Educação e Formação em Direitos Humanos], p. 3.
77. (tradução de) Ikeda e Chowdhury, *Atarashiki chikyu shakai no sozo e* [A Criação de uma Nova Sociedade Global], p. 335.
78. Conselho de Segurança da ONU, Peace Inextricably Linked with Equality between Women and Men [A Paz Está Estreitamente Ligada à Igualdade entre Mulheres e Homens].
79. Ikeda e Wider, *The Art of True Relations* [A Arte das Relações Verdadeiras], p. 63.
80. Associated Press, Researchers: Latin American Women Got Women into UN Charter [Pesquisadoras: Mulheres Latino-Americanas Conquistam Mulheres na Carta da ONU].
81. Nichiren, *The Record of the Orally Transmitted Teachings* [Registro dos Ensinaamentos Transmitidos Oralmente], p. 109.





## Bibliografia

ARENDR, Hannah. *Men in Dark Times* [Homens em Tempos Sombrios]. Nova York: Houghton Mifflin Harcourt, 1970.

\_\_\_\_\_. *Essays in Understanding: 1930-1954. Formation, Exile, and Totalitarianism* [Compreender: Formação, Exílio e Totalitarismo — Ensaios 1930-1954]. KOHN, Jerome. (Ed.). Nova York: Harcourt Brace & Co., 1994.

Associated Press. (2016). Researchers: Latin American Women Got Women into UN Charter [Pesquisadoras: Mulheres Latino-Americanas Conquistam Mulheres na Carta da ONU]. 2 de setembro. Disponível em: <<http://bigstory.ap.org/article/049889e630b748229887b91c8f21e3d2/researchers-latin-american-women-got-women-un-charter>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

CHALMERS, Robert. (tradução). *Buddha's Teachings* [Ensinamentos do Buda]. Cambridge: Harvard University Press, 1932.

HOFFMAN, David E. *The Dead Hand: The Untold Story of the Cold War Arms Race and Its Dangerous Legacy*. Nova York, Londres, Toronto, Sidney, Auckland: Doubleday, 2009.

IKEDA, Daisaku. *Sekai no shidosha to kataru* [Recordações de Meus Encontros com Grandes Personalidades]. Tóquio: Ushio Publishing Co., 1999.

\_\_\_\_\_. *A Forum for Peace: Daisaku Ikeda's Proposals to the UN* [Um Fórum pela Paz: Propostas de Daisaku Ikeda para a ONU]. URBAIN, Olivier. (Ed.). Londres e Nova York: I.B. Tauris, 2014.

\_\_\_\_\_; CHOWDHURY, Anwarul K. *Atarashiki chikyu shakai no sozo* e [A Criação de uma Nova Sociedade Global]. Tóquio: Ushio Publishing Co., 2011.

\_\_\_\_\_; ESQUIVEL, Adolfo Pérez. *La fuerza de la esperanza* [A Força da Esperança]. Cidade Autônoma de Buenos Aires: Emecé, 2009.

\_\_\_\_\_, REES, Stuart. *Heiwa no tetsugaku to shigokoro o kataru* [Diálogo sobre a Filosofia da Paz o Espírito Poético]. Tóquio: Daisanbunmei-sha, 2014.

\_\_\_\_\_, WAHID, Abdurrahman. *The Wisdom of Tolerance: A Philosophy of Generosity and Peace* [A Sabedoria da Tolerância: Filosofia da Generosidade e Paz]. Londres: I.B. Tauris, 2015.

\_\_\_\_\_, WIDER, Sarah. *The Art of True Relations: Conversations on the Poetic Heart of Human Possibility* [A Arte das Relações Verdadeiras: Diálogos sobre o Sublime Coração das Possibilidades Humanas]. Cambridge, Massachusetts: Dialogue Path Press, 2014.

OIT (Organização Internacional do Trabalho). (2016). *Global Migration Crisis: The World of Work Must Be Part of the Solution* [Crise Global da Migração: O Mundo do Trabalho Deve Ser Parte da Solução]. News. 21 de março. Disponível em: <[http://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS\\_461952/lang-en/index.htm](http://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_461952/lang-en/index.htm)>. Acesso em: 26 jan. 2017.

InterAction Council. (2014). Global Ethics [Ética Global]. In: *Interfaith Dialogue: Ethics in Decision-Making* [Diálogo Inter-religioso: Ética na Tomada de Decisão]. Disponível em: <[http://www.heart-to-heart-world.org/global\\_ethics.html](http://www.heart-to-heart-world.org/global_ethics.html)>. Acesso em: 26 jan. 2017.

JASPER, Karl. *Die grossen Philosophen* [Os Grandes Filósofos]. München: R. Piper & Co. Verlag, 1957.

JUDSON, Clara Ingram. *City Neighbor: The Story of Jane Addams* [Vizinho da Cidade: A História de Jane Addams]. Nova York: Scribner, 1951.

\_\_\_\_\_. *Jane Addams no shogai* [A História de Jane Addams]. Tradução de Hanako Muraoka. Tóquio: Iwanami Shoten, Publishers, 1953.

KATO, Tsuneaki. Weizsäcker. Tóquio: Shimizu Shoin Co., 1992.

MRE (Ministério das Relações Exteriores do Japão). (2016). *G7 Foreign Ministers' Hiroshima Declaration on Nuclear Disarmament and Non-Proliferation* [Declaração de Hiroshima dos Ministros das Relações Exteriores do G7]. 11 de abril. Disponível em: <<http://www.mofa.go.jp/mofaj/files/000147442.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

MÜLLER, Friedrich Max (tradução). *The Sutta-nipata* [O Sutta-nipata]. In: *The Sacred Books of the East* [Livros Sagrados do Oriente], v. 13, parte 1. Massachusetts: Elibron, 2005.

NABARRO, David. (2016). On Youth Boosting the Promotion and Implementation of the Sustainable Development Goals (SDGs) [Jovens que Impulsionam a Promoção e a Implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)]. United Nations Webcast. 10 de novembro. Disponível em: <<http://webtv.un.org/meetings-events/watch/david-nabarro-un-special-adviser-on-youth-boosting-the-promotion-and-implementation-of-the-sustainable-development-goals-sdgs/5205304664001>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

NAKAMURA, Hajime. *Budda no kotoba* [Palavras do Buda]. Tóquio: Iwanami Shoten, Publishers, 1984.

\_\_\_\_\_. *Genshi butten o yomu* [Interpretação dos Primeiros Sutas]. Tóquio: Iwanami Shoten, Publishers, 2014.

DAISHONIN, Nichiren. *The Record of the Orally Transmitted Teachings* [Registro dos Ensinamentos Transmitidos Oralmente]. Tradução de Burton Watson. Tóquio: Soka Gakkai, 2004.

NORMAN, K. R. (tradução). Theragāthā. In: *The Elders' Verses II* [Os Mais Antigos Versos II]. Oxford: Pali Text Society, 1995.

Continuação da pág. 64.

NPDI (Iniciativa de Não Proliferação e Desarmamento). (2016). Joint Statement [Declaração Conjunta]. 8ª Reunião Ministerial. 12 de abril. Disponível em: <[http://www.uae-iaea.net/media/Joint\\_Ministerial\\_Statement\\_NPDI\\_12April2014.pdf](http://www.uae-iaea.net/media/Joint_Ministerial_Statement_NPDI_12April2014.pdf)>. Acesso em: 26 jan. 2017.

OBAMA, Barack. (2016). Remarks by President Obama and Prime Minister Abe of Japan at Hiroshima Peace Memorial [Declarações do Presidente Obama e do Primeiro Ministro Abe do Japão no Memorial da Paz de Hiroshima]. 27 de maio. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2016/05/27/remarks-president-obama-and-prime-minister-abe-japan-hiroshima-peace>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

OPPENHEIMER, J. Robert. Atomic Weapons and American Policy [Armas Atômicas e a Política Americana]. *Relações Exteriores*. Julho. Nova York: Council on Foreign Relations, 1953.

PERRY, William J. (2013). My Personal Journey at the Nuclear Brink [Minha jornada pessoal na iminência nuclear]. European Leadership Network. 17 de junho. Disponível em: <[http://www.europeanleadershipnetwork.org/my-personal-journey-at-the-nuclear-brink-by-bill-perry\\_633.html](http://www.europeanleadershipnetwork.org/my-personal-journey-at-the-nuclear-brink-by-bill-perry_633.html)>. Acesso em: 26 jan. 2017.

PUGWASH. (1955). The Russell-Einstein Manifesto [Manifesto Russell-Einstein]. 9 de julho. Disponível em: <<https://pugwash.org/1955/07/09/statement-manifesto/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

REES, Stuart; RÖDLEY, Gordon; STILWELL, Frank. *Beyond the Market: Alternatives to Economic Rationalism* [Além do Mercado: Alternativa ao Racionalismo Econômico]. Leichhardt: Pluto Press Australia, 1993.

REUTTER, Angelika U.; RUFFER, Anne. *Peace Women* [Mulheres Pacifistas]. Tradução de Salome Hangartner. Zurich: Ruffer+Rub, 2004.

SEN, Amartya. *The Idea of Justice* [A Ideia de Justiça]. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2009.

SIPRI Yearbook 2016: Armaments, Disarmament, and International Security [Anuário SIPRI 2016: Armamento, Desarmamento e Segurança Internacional]. Stockholm: Stockholm International Peace Research Institute. Disponível em: <<https://www.sipri.org/yearbook/2016/16/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

THURMAN, Robert A. F. (tradução). Vimalakirti Nirveda Sutra [Sutra Vimalakirti Nirveda]. In: *The Holy Teaching of Vimalakirti* [O Ensino Sagrado de Vimalakirti]. Pensilvânia: The Pennsylvania State University, 1976.

TODA, Josei. 1957. Declaration Calling for the Abolition of Nuclear Weapons [Declaração pela Abolição das Armas Nucleares]. Disponível em: <<http://www.joseitoda.org/vision/declaration/read>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

TOYNBEE, Arnold J. *Acquaintances*. Londres: Oxford University Press, 1967.

NU (Nações Unidas). 2016. Joint United Nations Statement on Syria [Declaração Conjunta das Nações Unidas sobre a Síria]. Press Release. 12 de março. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/56e2f8ef6.html>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. DIP (Departamento de Informação Pública). (2016). 244 Million International Migrants Living Abroad Worldwide [Número de Migrantes Internacionais Chega a cerca de 244 Milhões], New UN Statistics Reveal. News. 12 de janeiro. Disponível em: <<http://www.un.org/sustainabledevelopment/blog/2016/01/244-million-international-migrants-living-abroad-worldwide-new-un-statistics-reveal/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Assembleia Geral. (1968). Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear Weapons [Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares]. A/RES/2373(XXII). Adotado pela Assembleia Geral. 12 de junho. Disponível em: <[http://www.un.org/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=a/res/2373\(xxii\)](http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=a/res/2373(xxii))>. Acesso em: 26 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. (2011). United Nations Declaration on Human Rights Education and Training [Declaração das Nações Unidas sobre Educação e Formação em Direitos Humanos]. A/RES/66/137. Adotado pela Assembleia Geral. 19 de dezembro. Disponível em: <<https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N11/467/04/PDF/N1146704.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. (2015). Transforming Our World: The 2030 Agenda for Sustainable Development [Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável]. A/RES/70/1. Adotado pela Assembleia Geral. 25 de setembro. Disponível em: <[http://www.un.org/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=A/RES/70/1&Lang=E](http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/70/1&Lang=E)>. Acesso em: 26 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. (2016). Nuclear Weapons and Human Security [Armas Nucleares

e a Segurança Humana]. A/AC.286/NGO/17. Apresentado pela Soka Gakkai Internacional. 3 de maio. Disponível em: <<https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/G16/109/15/PDF/G1610915.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. (2016). Taking forward Multilateral Nuclear Disarmament Negotiations [Avanço nas Negociações Multilaterais pelo Desarmamento Nuclear]. A/RES/71/258. Adotado pela Assembleia Geral. 23 de dezembro. Disponível em: <[https://www.un.org/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=A/RES/71/258](https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/71/258)>. Acesso em: 26 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Campanha do Milênio. (2014). We the Peoples: Celebrating 7 Million Voices [Nós, os Povos: Celebrando 7 Milhões Vozes]. My World — The United Nations Global Survey for a Better World [Meu Mundo — Pesquisa Global das Nações Unidas por um Mundo Melhor]. Disponível em: <<https://myworld2015.files.wordpress.com/2014/12/wethepeoples-7million.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Centro de Imprensa. (2016). Interview: 'A Surge in the Diplomacy for Peace Would Be My Priority' — UN Secretary-General — Designate [Entrevista: 'Aumento da Diplomacia pela Paz Seria a Minha Prioridade — Declaração do Secretário-geral da ONU]. 16 de outubro. Disponível em: <<http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=55343>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. EACDH (Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos). (2016). Opening Statement by Kate Gilmore, Deputy High Commissioner for Human Rights, at the High-level Panel Discussion on the Implementation of the United Nations Declaration on Human Rights Education and Training: Good Practices and Challenges [Declaração Inicial de Kate Gilmore, Alta Comissária Adjunta para Direitos Humanos, no Painel de Alto Nível sobre a Implementação da Declaração das Nações Unidas sobre Educação e Formação em Direitos Humanos: Boas Práticas e Desafios]. 14 de setembro. Disponível em: <<http://www.ohchr.org/EN/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=20489&LangID=E>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Conselho de Segurança. (2000). Peace Inextricably Linked with Equality between Women and Men [A Paz Está Estreitamente Ligada à Igualdade entre Mulheres e Homens]. Press Release. SC/6816. 8 de março. Disponível em: <<http://www.un.org/press/en/2000/20000308.sc6816.doc.html>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). (2016). Building Resilience of Refugee Hosting Communities [Construção de Resiliência em Comunidades Acolhedoras de Refugiados]. 27 de maio. Disponível em: <<http://www.et.undp.org/content/ethiopia/en/home/presscenter/articles/2016/05/27/building-resilience-of-refugee-hosting-communities-.html>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

UNFPA (Fundo de População das Nações Unidas). (2014). The Power of 1.8 Billion: Adolescents, Youth and the Transformation of the Future [O Poder de 1,8 Bilhão: Adolescentes, Jovens e a Transformação do Futuro]. Disponível em: <<http://mol-dova.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/swop%202014%20report%20s2.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados). (2016). Global Trends: Forced Displacement in 2015 [Tendências Globais: Deslocamento Forçado 2015]. 20 de junho. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/576408cd7>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. (2016). Syrian Refugee Eyes Rio Olympics [Refugiada Síria de Olho nas Olimpíadas do Rio]. 18 de março. Disponível em: <<http://tracks.unhcr.org/2016/03/syrian-refugee-eyes-rio-olympics/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. (2016). These 10 Refugees Will Compete at the 2016 Olympics in Rio [Estes 10 Atletas Refugiados Competirão nos Jogos Olímpicos Rio 2016]. 3 de junho. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/news/latest/2016/6/575154624/10-refugees-compete-2016-olympics-rio.html>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

ONU Mulheres. (2016). From Where I Stand: Eisha Mohammed [Do Meu Ponto de Vista: Eisha Mohammed]. 9 de março. Disponível em: <<http://www.unwomen.org/en/news/stories/2016/3/from-where-i-stand-eisha-mohammed>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

WATSON, Burton (tradução). *The Vimalakirti Sutra* [O Sutra Vimalakirti]. Nova York: Columbia University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. (tradução). *The Lotus Sutra and Its Opening and Closing Sutras* [O Sutra do Lótus e sua Abertura e Finalização dos Sutras]. Tóquio: Soka Gakkai, 2009.

WILSON, Ward. *Five Myths About Nuclear Weapons* [Cinco Mitos sobre as Armas Nucleares]. Boston, Nova York: Houghton Mifflin Harcourt, 2013.

## Propostas de Paz proferidas pelo Dr. Daisaku Ikeda em 26 de janeiro, Dia da SGI

- 2017 — A solidariedade mundial dos jovens: o alvorecer de uma nova era de esperança
- 2016 — Respeito universal pela dignidade humana: o grande caminho da paz
- 2015 — Compromisso de todos com um mundo mais humano: acabar com a miséria da Terra
- 2014 — Criação de valores humanos: a construção de um mundo solidário, capaz de se recuperar de tantas aflições
- 2013 — Compaixão, sabedoria e coragem — Para a humanidade viver em paz
- 2012 — Segurança humana e sustentabilidade: compartilhar o respeito pela dignidade da vida
- 2011 — Por um mundo digno de todos: triunfo da vida criadora
- 2010 — Novos valores para uma nova era
- 2009 — Competição humanitária: nova esperança na história
- 2008 — A humanização da religião a serviço da paz
- 2007 — Resgatar a nossa humanidade: primeiro passo para a paz mundial
- 2006 — A nova era do povo: uma rede mundial de indivíduos conscientes e fortes
- 2005 — Uma nova era de diálogo: o triunfo do humanismo
- 2004 — Revolução interior: uma onda mundial pela paz
- 2003 — Por uma ética global — A dimensão da vida: um paradigma
- 2002 — O humanismo do caminho do meio — O alvorecer de uma civilização global
- 2001 — O desafio da nova era: construir a todo instante o “Século da Vida”
- 2000 — A paz pelo diálogo — É tempo de falar: uma cultura de paz
- 1999 — Pela cultura de paz — Uma visão cósmica
- 1998 — A humanidade e o novo milênio: do caos para o cosmos
- 1997 — Novos horizontes de uma civilização global
- 1996 — Rumo ao terceiro milênio: o desafio da cidadania global
- 1995 — Criando um século sem guerras por meio da solidariedade humana
- 1994 — A luz do espírito global: uma nova alvorada na história da humanidade
- 1993 — Rumo a um mundo mais humano no século vindouro
- 1992 — Uma renascença de esperança e harmonia
- 1991 — O alvorecer do século da humanidade
- 1990 — O triunfo da democracia: rumo a um século de esperança
- 1989 — A alvorada de um novo globalismo
- 1988 — Entendimento cultural e desarmamento: os blocos edificadores da paz mundial
- 1987 — Propagando o brilho da paz: rumo ao século do povo
- 1986 — Rumo a um movimento global por uma paz duradoura
- 1985 — Novas ondas de paz rumo ao século XXI
- 1984 — Criando um movimento unido para um mundo sem guerras
- 1983 — Nova proposta para a paz e o desarmamento



**“O campo magnético da amizade aciona uma bússola interior quando perdemos nosso senso de direção. Ele nos ajuda a criar uma sociedade justa quando ela parece se desviar do seu curso”**

**Dr. Daisaku Ikeda**